

Universidade do Algarve  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

# **A(s) chaminé(s) do Algarve**

Lydia Soeiro dos Santos

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em História e Patrimónios

Sob orientação do Professor Doutor Miguel Reimão Lopes da Costa

2021



## **Declaração de autoria de trabalho**

“Declaro ser o(a) autor(a) deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.”

“A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.”

*Para o Vasco  
e a Anneke*



## **Agradecimentos**

Esta dissertação não existiria sem a intervenção de várias pessoas, a quem agradeço profundamente, nomeadamente: os senhores Edgar Gomes e Elena Morán (da Câmara Municipal de Lagos); as senhoras Lígia Laginha, Helga Seródio, Patrícia Rita e Ana Maria André (da Câmara Municipal de Loulé); Catarina Oliveira do Centro de Investigação, Informação e Património de Cacela; os senhores Cláudia Henriques e Isidoro Correia (da Junta de Freguesia de Quarteira); Ana Botas do Museu Nacional de Etnologia, Maria Luísa Pereira do Arquivo Distrital de Faro; Sandra Romba do Museu Municipal de Olhão; Carla Ventura do Palácio Nacional de Sintra, Emanuel Sancho do Museu do Traje em São Brás de Alportel; e Cristina Garcia da Direcção Regional da Cultura.

Um agradecimento especial para aqueles que aceitaram ser entrevistados para este trabalho, que valorizaram o mesmo de uma maneira que não seria possível sem a sua participação. Os senhores Joaquim Santos, Francisco Eugénio e Domingos Gonçalves (Xavier).

Quero igualmente agradecer o trabalho incansável do dr. Miguel Reimão Costa, que esteve sempre disponível para responder a todas as minhas questões e que sempre me soube indicar o caminho quando eu me sentia perdida. Também um agradecimento especial ao dr. José Eduardo Horta Correia, pelo entusiasmo inicial demonstrado por este tema e pela preciosa ajuda que deu no estágio inicial desta dissertação.

Por fim, quero igualmente agradecer à minha família, principalmente aos meus pais, por todo o apoio, entusiasmo e ajuda que me deram ao longo de todo o processo, sem esta ajuda todo este estudo não teria sido possível. Agradeço igualmente às amigas de sempre: Ana Catarina Martins, Andreia Alves, Elisabete Guerreiro, Patrícia Santos-Enfermeiro e Zita van Alphen por estarem sempre curiosas quanto ao decorrer desta investigação, e prontas a oferecer motivação quando esta me faltava.



## Resumo

Com a presente investigação pretende-se caracterizar a chaminé algarvia nas suas diversas formas, procurando deste modo enriquecer o conhecimento atual da arquitetura tradicional do Algarve e simultaneamente desmistificar algumas ideias sobre este elemento arquitetónico.

A primeira parte deste trabalho centra-se na descrição da chaminé, partindo da bibliografia disponível sobre o tema, focando os elementos que a compõem, os seus processos de execução, o modo como é caracterizada por diferentes autores e investigadores, bem como o papel de representatividade que detém na arquitetura tradicional do Algarve.

A segunda parte desta dissertação centra-se nas diferentes tipologias de casa tradicional algarvia, caracterizando-as dentro das diferentes subunidades geográficas e registando presença ou ausência da chaminé em cada uma delas. Juntamente com a sua relação com casas de forno ou fornos de pão que frequentemente surgiam associadas às habitações rurais da região.

A terceira e última parte desta dissertação compreende a descrição das diferentes tipologias de chaminé incluídas na arquitetura tradicional da região. Este capítulo parte dos dados recolhidos no trabalho de campo feito, que nos permitem traçar algumas conclusões (ainda que preliminares) quanto à distribuição, caracterização e evolução da chaminé no Algarve.

Palavras-chave: chaminé rendilhada, chaminé de balão e saia, chaminé de molde, arquitetura tradicional, Serra, Baixo Algarve.

## **Abstract**

*The present investigation aims to characterize the Algarve chimney in its various forms, thus improving our current understanding on traditional regional architecture in the Algarve, and at the same time demystifying some aspects of this architectural element.*

*The first part of this paper focuses on the description of the chimney from the available bibliography on the matter. With emphasis on its composing elements, construction processes, the way in which the chimney is described by different authors and scholars, as well as the role of representation the chimney plays in the traditional Algarve architecture.*

*The second part of this dissertation revolves around the different types of traditional house in the Algarve, characterizing them within the different regional subunits and showing evidence of the chimney's presence or absence, in each one of these. Besides also highlighting the connection between the chimney and the bread ovens and independent fire houses, which we often find associated with rural homesteads in the region.*

*The third and final part takes into account the descriptions of the different types of chimneys found in the regional traditional domestic architecture. The information contained in this chapter originates from the data collected in the investigative field work that was carried out, which allows us to conclude some findings (preliminary as they may be) in what refers to the distribution, characterization and evolution of the chimney in the Algarve.*

*Key-words: chimneys with lace-like decoration, balloon-like and skirt-like chimneys, molded chimneys, traditional architecture, inland, Lower Algarve*

# Índice geral

Introdução.....	1
Delimitação do tema.....	1
Objetivos .....	2
Metodologia.....	3
Capítulo I - A chaminé na descrição da arquitetura tradicional no Algarve .....	5
Aproximação ao tema .....	5
Elementos estruturantes da chaminé .....	8
Processos de elaboração.....	10
Chaminés feitas em olaria .....	10
Chaminés de balão.....	14
O mito da influência <i>moura</i> .....	15
O papel do Estado Novo .....	17
As primeiras abordagens das chaminés e opiniões dos autores – Orlando Ribeiro, Ernesto Veiga de Oliveira, Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa.....	22
Representatividade da chaminé no Algarve .....	25
Capítulo II - A casa e a chaminé nas diversas subunidades regionais do Algarve.....	30
Diferenças (e/ou semelhanças) entre a casa da Serra e a casa do baixo Algarve .....	32
Casa da Serra .....	32
Casa do Baixo Algarve .....	34
Casa do Litoral .....	37
Como surge a chaminé .....	39
Fogo alto e fogo baixo, fogão de alvenaria .....	44
Casa de fogo e casa do forno .....	47
Capítulo III - Tipologias de chaminé “tradicional” .....	50
A chaminé de planta retangular com grelha de ladrilho.....	52
A chaminé com grelha de ladrilho simples .....	53
A chaminé com grelha de ladrilho complexa ou rendilhada .....	54

A chaminé de balão e a chaminé de saia.....	56
A chaminé de molde.....	58
Considerações finais.....	68
Bibliografia .....	73
Outras fontes .....	77
Anexos.....	78

# Índice de Anexos

Fichas de registo para o concelho de Albufeira: pp a1 - a33.

Fichas de registo para o concelho de Faro: pp a34 - a52.

Fichas de registo para o concelho de Lagoa: pp a53 - a56.

Fichas de registo para o concelho de Loulé: pp a57 - a96.

Fichas de registo para o concelho de Monchique: pp a97 - a107.

Fichas de registo para o concelho de Olhão: pp a108 - a118.

Fichas de registo para o concelho de São Brás de Alportel: pp a119 - a138.

Fichas de registo para o concelho de Silves: pp a139 - a153.

# Introdução

## Delimitação do tema

A presente dissertação surge no contexto dos estudos desenvolvidos no decorrer do mestrado em História e Patrimónios da Universidade do Algarve, a fim de obter o grau de mestre.

A temática a abordar será a chaminé tradicional algarvia em contexto doméstico, nas suas mais variadas vertentes e formas. Frequentemente vista como o *ex libris* da arquitetura tradicional algarvia, a chaminé é um dos elementos menos estudados do ponto de vista académico, mas trata-se de um elemento nunca esquecido em termos turísticos embora por vezes com leituras erróneas. Falamos igualmente de um elemento do património local algarvio que se encontra ameaçado, uma vez que o seu número tem diminuído significativamente nas últimas décadas. A grande maioria dos exemplos que hoje podemos encontrar foram construídos nos primeiros três quartéis do século XX (por vezes substituídos por réplicas em períodos mais recentes). Deste modo torna-se pertinente estudar os exemplares mais antigos ainda existentes, de forma a compreender a evolução da chaminé algarvia ao longo do tempo, bem como as novas representações e formas que esta pode apresentar em períodos posteriores.

A escolha deste tema prende-se com o facto de a arquitetura popular e tradicional demonstrar o carácter e a identidade do local onde esta se enquadra, assim, o que nos pode dizer a chaminé sobre o local onde se enquadra, ou num sentido mais restrito, o que pode esta nos contar sobre a casa onde se localiza. Para além do seu interesse artístico em geral, é também de notar a quantidade diferenciada de geometrias de planta de chaminé que podemos constatar, de retangulares a circulares, passando por quadradas e octogonais. Esta variedade é curiosa, principalmente se considerarmos as palavras do historiador e arquiteto Bernard Rudofsky: “a arquitetura vernácula não atravessa ciclos de moda, (...) [não tem] necessidades de melhoramentos, já que desempenha as suas funções com perfeição” (Rudofsky, 1964: 2). Isto é, apesar da maior funcionalidade das chaminés estar com as primeiras que surgem (chaminés retangulares com grandes aberturas e sem existência dos detalhados e trabalhados rendilhados que aparecerão posteriormente) vemos surgir estes exemplares menos funcionais mas muito interessantes. Ou seja, ocorre uma deterioração funcional da chaminé em prol da sua beleza, ou em prol da ostentação que a mesma representa para a família que a poderia encomendar. Deste modo, talvez a

chaminé nos possa dizer mais sobre o carácter da população local do que pensaríamos inicialmente.

Em termos de estudos prévios à presente investigação, é importante salientar que de facto existem trabalhos formais e de nível académico que tratam a chaminé (e a casa tradicional) algarvia. Serão estes trabalhos a base da descrição geral da arquitetura vernacular da região. Contudo, devemos igualmente mencionar o grande número de abordagens feitas a este elemento arquitetónico em contextos menos formais, onde a temática é pouco aprofundada, descrita de modo simples e frequentemente como uma mera característica distintiva da região, muitas vezes ao uso do sector turístico, que serão as descrições a evitar uma vez que não vão de encontro com os objetivos deste estudo.

## **Objetivos**

O principal objetivo deste estudo prende-se com a caracterização e delimitação das diversas tipologias de chaminé tradicional do Algarve. Uma simples observação destes elementos distribuídos por todos os concelhos do Algarve demonstra a grande variedade de tipologias existentes. Podem-se caracterizar as chaminés consoante a sua planta (da qual as quadradas, retangulares e circulares são as mais correntes), ou talvez mediante a ornamentação na grelhagem (onde vemos formas em X ou V, decorações em telha formando círculos ou semicírculos, os já conhecidos rendilhados), nos elementos de remate ou nos trabalhos em massa no pano exterior.

Algumas das chaminés serão classificadas neste estudo consoante estas características, mas temos igualmente algumas tipologias já bem definidas como as chaminés de balão (frequentemente associadas com os bairros de pescadores de Olhão e Fusetas) e as chaminés de saia (associadas à vila de Monchique), estas denominações de tipologias de chaminé oculta já conhecidas serão mantidas e aprofundadas. Para além da caracterização das diferentes tipologias encontradas, é igualmente proveitoso discernir se há alguma evolução estilística que se possa constatar, ou se é possível associar uma determinada tipologia a um determinado século ou década. Para atingir este objetivo é necessário considerar ao mesmo tempo uma possível relação entre a morfologia da chaminé e as técnicas de execução das mesmas.

Para além deste objetivo central, seria proveitoso abordar os processos de elaboração dos diferentes tipos de chaminé, já que diferentes materiais (dos quais destacamos o uso de elementos cerâmicos como o tijolo, ladrilho e telha; e betão)

correspondem a diferentes técnicas de construção. Uma vez que alguns dos materiais aplicados na construção da chaminé se prendem com a tradição do barro no Algarve, talvez será proveitoso abordar os centros oleiros da região, averiguar se presença de centros produtores se traduz, ou não, num maior número de exemplos de chaminés artísticas.

Outro objetivo importante para a presente investigação seria encontrar semelhanças entre as chaminés que se encontram em determinado concelho em particular (a determinar), e talvez comparar as tipologias de chaminé que se encontram em diferentes concelhos, procurando estabelecer tendências ao longo da região.

Por fim, seria igualmente gratificante poder providenciar um trabalho académico completo que possa esclarecer a origem deste elemento arquitetónico, frequentemente associado com um passado na longa presença *Moura* na região, bem como demonstrar a importância da preservação da chaminé (e consequentemente da arquitetura tradicional) da região.

## **Metodologia**

Para a elaboração deste estudo será necessário recorrer a trabalho de campo, que permitirá a preparação de um catálogo fotográfico de alguns exemplares significativos de chaminés em diferentes contextos geográficos, este catálogo será feito com o objetivo final de servir de base para a análise do panorama atual de chaminés existentes e da sua localização geral dentro da região. Outros registos fotográficos a considerar de modo a atingir este objetivo incluem a investigação feita pelos arquitetos Filipe Jorge e Victor Mestre em 1986 para o trabalho *Registo documental das chaminés artísticas* a pedido da Região de Turismo do Algarve, bem como os trabalhos fotográficos de Artur Pastor dos anos 40 a 60 do século XX.

Caso seja possível, seria igualmente proveitoso incluir entrevistas a mestres pedreiros ou oleiros, de modo a descrever os métodos de produção atuais e antigos, bem como relatos na primeira pessoa de trabalho com chaminés artísticas.

Por fim, é importante mencionar que o recurso a fontes bibliográficas será igualmente feito ao longo deste estudo. Focado principalmente em relatos de arquitetura tradicional, partindo do valioso trabalho feito pelo *Inquérito à arquitectura regional portuguesa* feito pela Associação dos Arquitetos Portugueses, bem como as análises de Ernesto Veiga de Oliveira, Orlando Ribeiro ou José Leite de Vasconcelos; entre outros.



# Capítulo I - A chaminé na descrição da arquitetura tradicional no Algarve

## Aproximação ao tema

Há uma necessidade atual de estudar a chaminé em contexto académico, isto porque se trata de um dos elementos da arquitetura mais frequentemente apontados como essencialmente algarvios juntamente com as platibandas<sup>1</sup> e as açoteias<sup>2</sup> (Jorge e Mestre, 1998: 18), aliás são mencionadas como um elemento diferenciador da arquitetura tradicional do sul (do Algarve e do Alentejo) da do norte do país (Mestre, 2018: 9).

A chaminé é frequentemente apontada em descrições da arquitetura tradicional algarvia, mas tratam-se de descrições curtas e onde o tema da chaminé é pouco aprofundado e frequentemente associado à vida quotidiana que antecede o desenvolvimento turístico na região, quando se tratava de uma zona historicamente agrícola (Proença, 1927: 27). Este enquadramento não deve ser ignorado uma vez que a arquitetura tradicional não pode ser estudada fora do seu contexto (e é pertinente lembrar que a distribuição de elementos considerados característicos para a arquitetura tradicional do Algarve não surgem de modo homogéneo por toda a região, o que possibilita o surgimento de especificidades locais). A existência, o desenvolvimento e os elementos integrantes da arquitetura tradicional são influenciados pelo contexto onde se inserem, adequam-se à realidade local e não incluem elementos acessórios uma vez que se adaptam às necessidades de quem habita em determinado sítio. Este elemento, aparentemente funcional, adquire no Algarve uma função secundária em representar a prosperidade das famílias que o encomendavam, e a chaminé detinha esta função ostensiva, por vezes, de modo mais caracterizante que as platibandas das casas.

Menciona-se frequentemente uma possível origem medieval das chaminés (mais especificamente enquadrando o aparecimento da chaminé artística do Algarve com a presença de povos islâmicos na região), uma teoria que nos parece pouco verosímil quando observamos os trabalhos de João Vieira Caldas (2007) ou Filomena Henriques (1999) que mencionam as datas das chaminés com que se cruzaram no seu trabalho de campo, sendo que a data mais antiga que estes autores mencionam reporta ao fim do século XVIII e o

---

<sup>1</sup> Moldura ou remate superior numa fachada de casa, por vezes feita em alvenaria, algumas vezes pintada com uma cor forte.

<sup>2</sup> Terraço no cimo da casa (frequentemente usado para secar frutos ao sol, nomeadamente figos), substitui o telhado.

século que mais frequentemente surge associado à chaminé é o século XX. Esta expansão a partir do século XVIII e com grande ênfase no século XIX poderá estar relacionado com o processo de industrialização a partir de Oitocentos quando a “implantação, forma, espacialidade e processo construtivo” (Caldas, 2010: 50) da casa vernácula se começa a alterar. Assim, dá-se origem a uma nova tipologia de casa, agora com uma chaminé associada, uma tipologia com grandes influências por parte da arquitetura das elites uma vez que é neste período oitocentista que as próprias quintas de recreio da aristocracia endinheirada do Algarve se reconfiguram. Famílias que pretendem ter uma quinta no campo, para desfrutar da tranquilidade que este ambiente podia oferecer mas sem ceder às comodidades das suas casas de cidade, começam a encomendar a construção de capelas anexas às casas, bem como as alterações das molduras dos vãos, os entablamentos de arquitrave (primeiro lisos e depois contracurvados muito ao gosto Barroco e Rococó), os frisos e as cornijas e os telhados de tesouro; todos estes são elementos já conhecidos nas cidades que começam a partir de aqui a aparecer em contexto rural, demonstrando um “mesclado [das tradições rurais] com as correntes eruditas que atravessaram os tempos” (Jorge e Mestre, 1998: 18).

Uma possível explicação para as lacunas no estudo da arquitetura tradicional (em geral, não somente no caso do Algarve), conforme explicado por Filomena Henriques (1999), é um certo preconceito com o estudar da arquitetura tradicional, visto como algo de valor inferior quando comparado com a arquitetura das elites<sup>3</sup>. Este preconceito vai a par da realidade desta dicotomia espaço rural/urbano em termos de construção, onde são frequentemente rejeitados os modos de construir e materiais tradicionais em detrimento de métodos e materiais industriais e/ou modernos numa tentativa de modernização e de não demonstrar atraso algum em termos construtivos (Quintino, 2005).

No caso particular do Algarve, região de turismo por excelência, há outro aspeto importante a mencionar quando falamos do estudo (e num estágio mais avançado, da preservação) do património rural, que é a importância em evitar a “folclorização turística da paisagem arquitetónica vernacular do Sul” (Prista, 2014: 125). Isto é, a excessiva patrimonialização de exemplos de arquitetura tradicional por motivos turísticos (uma vez que o turismo procura aquilo que é típico e tradicional, uma busca da ‘autenticidade’ local) pode levar à musealização desta mesma arquitetura tradicional. Ou seja, a musealização

---

<sup>3</sup> Um aspeto que Ricardo Agarez também refere na obra *Algarve Building*, 2016: “Issue that resurfaces consistently in the source of this study: the perception of vernacular buildings as something to be got rid of, rather than used as inspiration for formal architecture” (Agarez, 2016: 337).

desta arquitetura faria com que a mesma ficasse sem contacto com o seu ambiente natural (isto é, casas com utilização habitacional diária pelos seus moradores) e tratar-se-ia de uma mera encenação de folclore. Temos de nos questionar se estas encenações teriam o mesmo valor patrimonial que os exemplos de habitações tradicionais em uso que se mantêm em funcionamento há séculos até aos dias de hoje, se seriam representações ‘autênticas’ deste património vernacular ou não.

Dito isto, o caminho de preservação da chaminé em particular, e do património rural em geral, deve passar pela recuperação ou reabilitação do seu uso dentro do seu contexto e desenvolvimento natural. Não podemos ver o património como algo estático e ‘congelado’ no tempo mas antes como algo fluido, com evolução consoante as necessidades e novas exigências quotidianas. Isto torna-se ainda mais evidente quando estudamos o património popular, quando falamos de elementos integrantes da vivência diária de um número significativo de pessoas, portanto, a patrimonialização destes elementos com que as populações interagem e com a qual as populações têm de se manter em contacto, nunca descontextualizados. Isto levaria à sua extinção definitiva em meras gerações, caso estes elementos hoje presentes se tornassem meramente acessórios, desnecessários e incompreendidos. Temos de permitir a evolução do património popular, de modo a permitir a adaptação a novas necessidades e exigências que surgem, mantendo simultaneamente a sua integridade, criando uma simbiose entre o que é património e tem de ser protegido e a integridade das comunidades que vivem e interagem com este património (Ribeiro, 2009).

Outro elemento a ressaltar é a ameaça de desaparecimento de que a chaminé tradicional é alvo, pelos mais variados motivos. Temos casos de abandono de casas, que conseqüentemente entram num avançado estado de degradação e ruína, o que pode levar ao colapso dos telhados e conseqüente destruição de chaminés antiquíssimas. Podemos igualmente apontar outras causas naturais para o desaparecimento das chaminés, como a influência de elementos climáticos (a posição destacada da chaminé no telhado torna-a mais propensa a danos causados por ventos ou chuvas). Noutras situações há uma demolição intencional de uma casa antiga com chaminé igualmente antiga para criar espaço para novas construções (sem considerar a peculiaridade da chaminé que pertencia à casa e o valor patrimonial da mesma, uma vez que não há medidas de proteção ou obrigatoriedade de conservação impostas a nível municipal ou regional). O aparecimento e desenvolvimento do fabrico em série das chaminés de molde, acessíveis a preços reduzidos quando comparados com os preços de peças manufaturadas, significou igualmente uma ameaça de extinção no prisma da produção, uma vez que representa uma

concorrência que a procura do mercado não acompanhou, deixando assim de haver necessidade das chaminés manufaturadas, únicas e irrepetíveis, disponíveis para venda a preços mais elevados (Henriques, 1999).

## **Elementos estruturantes da chaminé**

A *Enciclopédia Prática da Construção Civil* define uma chaminé como “os locais destinados ao fogo, quer sejam construídas nas cozinhas, dependências próprias para confeção de alimentos, como as que têm lugar nas casas de caldeiras nas fábricas e aquelas que tomam espaço nas salas e quartos das casas de habitação. Também se designam por chaminés os fumeiros, que acima dos telhados dão saída aos fumos e gases provenientes das cozinhas e das caldeiras industriais” (Costa, s.d.: 1). Quer isto dizer que a designação de chaminé inclui não só a parte exterior visível, como também todo o equipamento nos interiores das casas (incluindo as lareiras ou outros locais onde será feito o fogo, bem como as condutas que se ligam ao fumeiro exterior que é o que normalmente designamos de chaminé, omitindo todo o sistema interior). Podemos classificar as chaminés quanto à sua função como chaminés industriais ou de habitação (que por si se subdividem em chaminés de aquecimento ou de tiragem de caldeiras e fogões). A forma que as chaminés apresentam altera-se consoante o seu contexto habitacional ou industrial, bem como consoante a sua integração dentro destes mesmos contextos, obviamente.

Para o presente estudo é pertinente aprofundar todos os elementos constituintes das chaminés (principalmente das chaminés de habitação), apesar de se dar maior ênfase aos fumeiros das chaminés e as diversas formas sob o qual se apresentam, já que este é o elemento em que encontramos maior variedade nas formas e que se distingue no Algarve das demais regiões portuguesas. Quanto aos elementos constituintes, são eles:

- Lareira: elemento interior onde se localizam os fogões, fogareiros e fornalhas. Tanto se pode tratar de fogo alto (feito em fornalhas ou bancadas de alvenaria) como fogo baixo (feito no chão).
- Fuga dos fumos: elemento que dirige o fumo da lareira para o fumeiro (isto é, o elemento da chaminé que é visível desde o exterior). Constituído por um elemento parietal que assenta nos elementos laterais da lareira, na parede posterior da mesma e numa verga construída transversalmente sob os cachorros laterais; daqui é construído um pano diagonal cujo diâmetro afunila à medida que se aproxima do teto. Muitas vezes a presença da trave sob a

lareira de onde arranca o pano da lareira permite a construção de uma prateleira para dispor e guardar utensílios de cozinha, o que é particularmente frequente em casas rurais. É dentro deste elemento parietal que pode ser encontrado uma viga de metal que funciona como fumeiro de enchidos.

- Chaminé<sup>4</sup>: elemento cuja função é expelir os fumos que sobem do fogo pela conduta. A conceção deste elemento é crucial uma vez que as aberturas na chaminé devem permitir uma eficiente tiragem dos fumos e impedir ao mesmo tempo entrada de vento (que impossibilita que os fumos saiam), chuva e animais. O tamanho da chaminé também influencia a sua eficiência, na medida em que chaminés com grande largura ou demasiado estreitas são contraproducentes e impedem tiragem eficiente dos fumos (Segurado, s.d.).
- Chapéu: frequentemente fixo com recurso a hastes de ferro ou prumos de tijolo, “assentava sobre a grelha ou rendilhado decorativo, sendo construído em telha ou em trabalho de massa, em fiadas salientes de degraus e contracurva, rematadas no vértice com esfera, elemento cónico ou decorativo ou ainda com cata-vento” (Ribeiro, 2009: 99). Estes elementos de embelezamento devem ser totalmente exteriores, uma vez que alterações interiores podem interferir com a tiragem dos fumos. Caso seja necessária uma cobertura superior da chaminé para proteger a conduta de chuva, esta tem de ser colocada sob a chaminé de modo a permitir a tiragem dos fumos. A função do chapéu é evitar a introdução da água das chuvas na habitação por via da conduta de fuga dos fumos (Segurado, s.d.).

Na *Biblioteca de instrução profissional: Alvenaria, cantaria e betão* (s.d.), o autor faz uma segunda divisão dos elementos constituintes do sistema da chaminé ao subdividir a chaminé (isto é, o elemento visível a partir do exterior) em três partes adicionais: a base, o fuste e o capelo. Mencionando que a base se pode apresentar como retangular, quadrada ou hexagonal; o corpo central (ao que chama fuste) pode-se apresentar com planta redonda ou prismática e todo o conjunto é então coroado por um capelo (que pode ser simples ou elaborado), sendo que as aberturas laterais por onde é expelido o fumo se encontram por baixo deste mesmo capelo. O autor salienta igualmente a frequente cobertura feita com

---

<sup>4</sup> Frequentemente denominado de ‘fumeiro’ na bibliografia consultada, no presente trabalho de investigação optou-se pela designação ‘chaminé’ para o elemento que pode ser visto desde o exterior, frequentemente decorado no Algarve, de modo a evitar possíveis equívocos quanto à estrutura da chaminé e fumeiros de enchidos frequentemente inclusos noutra elemento constituinte do sistema que abordamos.

recurso a tijolos, formando assim um telhado de duas águas e a presença de remates com diversas formas (Segurado, s.d.: 223 – 228).



*Figura 1 – Partes integrantes da chaminé.  
Fotografia cedida por Sr. Isidoro Correia  
(adaptada).*

Independentemente das denominações dadas aos diferentes elementos constituintes, todos estes poderiam ser caiados, pintados ou mesmo rebocados e/ou decorados com argamassas (isto tanto no exterior como no interior da chaminé).

## **Processos de elaboração**

O método de produção das chaminés difere bastante consoante a tipologia e materiais usados. Chaminés feitas por pedreiros *in loco* têm outro método de produção que chaminés feitas em olaria, à medida das necessidades e desejos do cliente, que serão posteriormente colocadas nas habitações.

### **Chaminés feitas em olaria**

O processo de fabrico das chaminés em olarias atualmente difere em alguns pontos cruciais do método tradicional, pelo que se optou por descrever o processo tradicional e seguidamente mencionar as diferenças que podemos encontrar no processo atual. Este processo de fabrico foi descrito por dois oleiros entrevistados (Sr. Francisco Eugénio, com oficina situada na área de Olhão; e Sr. Xavier, com oficina situada na cidade de Loulé), ambos com experiência em olaria desde a década de 1970. A aprendizagem destes oleiros deve-se a familiares que desempenhavam a atividade anteriormente, no caso de Francisco Eugénio foi ensinado pelo pai e o Sr. Xavier aprendeu como trabalhar em olaria com o sogro.

Dado que ambos os oleiros entrevistados começam a trabalhar o barro na mesma década, descrevem o processo de trabalho de modo semelhante.

O processo de fabrico das chaminés em olaria iniciava-se com a extração do barro. A origem do barro seria local, dentro das fronteiras do Algarve. Poderia ser originário de Santa Catarina (que segundo o relato do Sr. Xavier, seria considerado de qualidade mais fraca), Loulé ou Bordeira (que segundo a mesma fonte, era considerado mais forte), sendo que frequentemente os barros com diferentes origens eram misturados. O transporte do barro da sua origem até à olaria seria transportado por mulas, o que significa que seriam transportadas poucas quantidades e que as viagens seriam morosas.

À chegada do barro à olaria, este teria de ser limpo de impurezas (como areias ou pequenas pedras). Este processo consistia na deposição do barro num tanque, ao qual é adicionado água, de modo a obter uma consistência líquida que permita ao barro ser peneirado (este processo demorava, em média, um ou dois dias). Neste processo, o barro seria comumente peneirado duas vezes: uma vez com uma peneira grossa para remover pedras e outras impurezas grandes; seguidamente por uma mais fina a fim de extrair areia e outros elementos de tamanho reduzido. Ao fim deste processo, o barro seria colocado num segundo tanque, agora para que secasse e pudesse ser trabalhado (o que demoraria cerca de uma semana). Após a secagem e antes do barro poder ser colocado na roda de oleiro para ser trabalhado, teria de ser amassado. Um processo que podia ser feito de várias formas: o método mais simples consistia na pisa do barro até obter a consistência desejada; o método mais moderno consiste na passagem do barro numa máquina com roldanas (que podia funcionar à manivela ou caso fosse mais moderna, podia ser automática), onde o barro passaria até se obter a consistência desejada.

Assim que o barro estivesse suficientemente amassado e flexível, seria colocado na roda de oleiro para fazer a forma geral da chaminé, um processo relativamente rápido, podia demorar somente meia hora dependendo do tamanho da peça. Após a moldagem, a peça teria de secar novamente antes de serem feitos os recortes no corpo da chaminé, uma vez que neste momento o barro estaria demasiado húmido para poder suportar o próprio peso caso fossem feitos os recortes. Assim sendo, a peça secava novamente (cerca de um dia no Verão, dois ou três dias no Inverno) idealmente à sombra ou dentro de casa de modo a que a secagem ocorresse lentamente e de modo uniforme, antes de serem feitos os recortes. Estes recortes podiam ser feitos com recurso a moldes em chapa de metal ou papel que eram simplesmente encostados à peça de modo a deixar a marca de onde ficariam. Esta marcação era feita ao redor da peça inteira e seguidamente eram feitos os

recortes com pequenas facas (poderiam ser facas de sapateiro, ou até facas de cozinha adaptadas ao gosto do oleiro). Após a execução dos recortes, a chaminé secava mais uma vez (entre dois dias a uma semana) antes de ser cozida no forno.



*Figura 2 - Moldes em plástico. Fotografia da autora.*



*Figura 3 - Moldes em chapa de metal. Fotografia da autora.*



*Figura 4 - Exemplos das facas usadas para fazer os recortes nas chaminés. Fotografia da autora.*

Para cozer a chaminé, os fornos eram alimentados por madeira local, como amendoeira, alfarrobeira ou oliveira, até atingirem cerca de 750°/800°C (se bem que temperaturas mais altas podiam ser atingidas, para tal seriam adicionadas cascas de amêndoa ao fogo para aumentar a temperatura do forno). Podia ser necessário aquecer o forno ao longo de dois dias até atingir estas temperaturas (um processo a que se dá o nome de *requento*). O fogo era executado na caldeira, que tinha aproximadamente um metro de altura, com estrutura em arcaria de tijolo refratário, sobre a qual se situava a câmara do forno onde eram dispostas as peças. Os fornos que utilizavam tinham chaminés simples, cilíndricas, sem qualquer decoração, que permitiam observar uma língua de fogo a sair da chaminé ao longo do processo de cozedura e pela cor do fogo sabia-se em que ponto do processo se estava, bem como se havia necessidade de alimentar mais o fogo ou não. As

peças ficariam entre 8 e 15 horas a cozer no forno (dependendo da temperatura usada), período após o qual teriam de permanecer mais um dia, ou uma noite, até se poder abrir a porta (um período demasiado curto após a cozedura poderia significar o estalar da peça com a abertura da porta do forno, devido ao choque térmico entre a temperatura no interior do forno e a temperatura exterior). A partir do momento que as peças atingissem temperaturas entre 50°C a 70°C poderiam ser retiradas do forno. Depois de cozidas, idealmente, as chaminés apresentariam uma cor branca natural, significando que a mistura de barro utilizada na execução era forte. A última etapa do processo seria a pintura da chaminé, feita ao gosto do cliente e a colocação da chaminé no local, um processo que já não entra na esfera dos oleiros.



*Figura 5 - Forno antigo, com caldeira para fazer o fogo e espaço para as peças cozerem. Fotografia da autora.*



*Figura 6 - Forno elétrico usado atualmente. Fotografia da autora.*

As diferenças no processo de fabrico da chaminé hoje em dia e 'antigamente' centram-se principalmente na modernização do equipamento usado (rodas de oleiro elétricas, fornos elétricos ou a gás, transporte em camiões em vez de com recurso a tração animal, e uso de moldes em acetato ou outros plásticos). Outro aspeto diferente na produção de olaria hoje em dia é que o barro pode ser facilmente encomendado e quando chega aos oleiros já chega limpo, encurtando assim os tempos de produção das peças; um dos oleiros entrevistados para este estudo (Sr. Xavier) menciona igualmente que para além de utilizar o barro algarvio, encomenda igualmente barro espanhol. O outro oleiro entrevistado, Sr. Francisco Eugénio, salienta mais uma diferença notória que é o menor nível de poluição produzido no processo de cozedura das chaminés (o uso de fornos a gás ou elétricos evitam a produção de fumos e cinzas prejudiciais à saúde).

## **Chaminés de balão**

A descrição do processo de fabrico da chaminé de balão foi feita em entrevista com o Sr. Joaquim Santos, pedreiro natural de Olhão, que começa efetivamente a fazer chaminés por volta de 1975, após ter experiência anterior a recuperar chaminés antigas construídas no Bairro do Levante em Olhão.

Ao contrário das chaminés feitas em olaria, a chaminé de balão (bem como outras tipologias de chaminé feitas em alvenaria) seriam construídas no local, diretamente sobre o telhado da casa em questão. A construção da mesma inicia-se pela construção da saia em ladrilho maciço, o interior da saia seria constituído por pedra caliça (provavelmente originária de Pechão), que seria fixada com cal misturada com areia (estes seriam os materiais antigos utilizados, a partir de meados do século XX estes são substituídos por tijolo e cimento). Esta etapa de 'preenchimento' seria da responsabilidade do servente ou ajudante, já que seria a tarefa mais simples dentro do processo de construção. Sobre a saia de ladrilho seriam colocados seis tijolos de burro, por cima dos quais assentaria o chapéu. A construção do chapéu em si inicia-se pela estrutura interior (o que o Sr. Joaquim Santos descreve como o 'miolo') de extração de fumos. Finalizado o miolo, um processo que poderia demorar em média dois dias de modo a permitir que os materiais usados para esta estrutura de escoamento de fumos sequem devidamente, é-lhe colocado um murete à volta, feito de ladrilho colocado ao alto. Finalizado este processo de construção, toda a estrutura exterior era rebocada e caiada (no interior o ladrilho era deixado ao natural).

No caso da chaminé de balão e na experiência do Sr. Joaquim, o traço da chaminé é da autoria do desenhador, distinto do pedreiro, com aval do proprietário da casa.

O tempo de construção para uma chaminé de balão seria entre três e quatro dias, dependendo do tempo necessário para a construção do miolo, o elemento mais exigente em termos de construção, já que um atraso na elaboração deste elemento poderia atrasar a finalização de toda a chaminé. Note-se, no entanto, que um pedreiro não passaria todo o seu dia de trabalho a construir apenas uma chaminé.

O sistema da chaminé de balão seria completo, no interior da casa, com um lar de fogo alto, com espaço para albergar o carvão para o fogo num arco por baixo da fornalha. Um espaço que poderia ser fechado com uma cortina. Por cima do fogo alto seria construído o pano da chaminé, assente sob uma trave de madeira, sendo que o pano da chaminé seria construído em tijolo de burro.



Figura 7 - Pormenor do sistema interior da chaminé de balão. Fotografia cedida por Miguel R. Costa.



Figura 8 - Réplica de uma chaminé de balão, feita por Joaquim Santos. Fotografia cedida por Miguel R. Costa.

## O mito da influência *moura*

Influências *mouras* são frequentemente apresentadas como a explicação para as chaminés únicas que encontramos no Algarve em comparação com outras regiões do país. Como se trata do território em que a presença Islâmica por mais tempo se estendeu, aceitamos que realmente alguns aspetos de tradição ou herança Islâmica perduram no Algarve até aos nossos dias. Contudo, é da maior importância não isolarmos o Algarve no tempo e no espaço. É um facto que a presença Islâmica é mais longa no Algarve que em outras zonas em território nacional, mas quando comparamos os 500 anos de domínio Islâmico no Algarve com os 700 anos que estes permanecem em territórios como Granada temos de nos questionar sobre a ausência de chaminés rendilhadas (supostamente *Mouras*) nesta cidade ou em outras zonas que estiveram sob influência de povos Islâmicos. Quando analisamos a casa típica do Magreb constatamos exatamente isto, tal como nos indica Ricardo Agarez (2016, 47) em citação de Alexander Stuart<sup>5</sup>: “A esperada menção da herança ‘Moura’ é feita de modo superficial, tanto que, na mesma frase Stuart repete esta linha de pensamento e alude ao seu paradoxo: «as chaminés mais particulares para realçar

<sup>5</sup> Citação original: “The unsurprising reference to the ‘Moorish’ heritage was so superficial that, in one and the same sentence, Stuart repeated the commonplace while hinting at its paradox: «Most particular to notice are the Sotavento [Leeward] chimneys, ... all obviously of Moorish design, domes, towers and minarets, which is curious, as the usual form of the Arab smoke-outlet is merely a hole in the roof»”

são as do Sotavento, ... todas elas de traço mourisco, cúpulas, torres e minaretes, o que é curioso, uma vez que o método de extração de fumos Árabe mais comum é somente um orifício no telhado»” (tradução da autora).

João Vieira Caldas (2010) conclui um artigo em que descreve diferentes tipologias de habitação no Baixo Algarve e as suas diferentes evoluções ao longo dos séculos com a seguinte frase: “nenhuma destas casas rurais construídas entre finais da Idade Média e os finais do século XVIII (ou até à primeira metade do século XIX) revela qualquer familiaridade com a casa rural marroquina ou qualquer tipo de filiação numa tradição com origem islâmica, seja do ponto de vista tipológico e da organização espaço-funcional, seja no que respeita aos processos construtivos incluindo as coberturas e os acabamentos, seja em aspetos formais como o das chaminés rendilhadas” (2010: 61). O autor acompanha esta citação com as diferenças e semelhanças entre as casas tradicionais do Algarve e de Marrocos, por ora analisaremos somente as diferenças apontadas pelo autor em termos das chaminés. As chaminés mais antigas do Algarve, conforme descritas pelo autor, são construções de tamanho significativo com orifícios triangulares feitos em telha, dispostos em fiadas (podendo ter somente uma ou duas fiadas), enquanto que a chaminé habitualmente é inexistente na casa vernacular marroquina. Quando têm algum sistema de escoação de fumos, este apresenta-se como “um orifício desprotegido ou uma pequena elevação na cobertura por onde saem os fumos” (Caldas, 2010: 63). O mesmo autor já havia igualmente abordado esta questão na sua tese datada de 2007, em que aborda as comparações entre as chaminés no Algarve e os minaretes islâmicos e conclui que “não há justificação para se afirmar que [as chaminés algarvias] foram diretamente inspiradas nos minaretes islâmicos com os quais, aliás, não têm qualquer semelhança” (Caldas, 2007, 308-309). João Vieira Caldas defende que esta dita origem islâmica, defendida por autores das mais diversas áreas científicas pode ser explicada por um desejo de destacar elementos suscetíveis de serem interpretados como exóticos (e principalmente como orientais ou, neste caso específico, norte africanos) na arquitetura algarvia, como explicação da existência destes elementos no Algarve em prol de outras regiões no país, motivados pela proximidade do Algarve ao Norte de África. Contudo, este mito das chaminés terem a sua origem no tempo da presença Moura demonstra as lacunas existentes no estudo da arquitetura do Algarve, ao demonstrar a facilidade de expansão desta simples teoria que ainda hoje é defendida fora do meio académico, bem como a dificuldade em refutar estas teorias antigas anteriormente adotadas por autores conceituados como Orlando Ribeiro (Caldas, 2007: 293).

Do que foi possível depreender no decurso desta investigação, as mais antigas menções a uma presumível herança *moura* destas chaminés datam do início do século XX. O primeiro e mais antigo exemplo data de 1927, ano em que é publicado o *Guia de Portugal* sob coordenação de Raúl Proença, onde esta proveniência é várias vezes mencionada desde a primeira página do capítulo que versa sobre o Algarve, conforme podemos observar na seguinte transcrição onde é feito este paralelo entre as chaminés do Algarve e a presença islâmica nesta região: “Os Árabes deixaram menos vestígios materiais, mas maior vinco no sangue e nos costumes, detiveram-se não só aqui mas nas outras partes do país, e a cada passo se deparam os sinais de seu influxo: uma casa que esplende de brancura com as suas chaminés esguias, uma açoteia mourisca erguida à luz das estrelas (...)” (Proença, 1927: 1). Encontramos descrições semelhantes a esta noutras obras de literatura de viagens desta época, como por exemplo no *Guia do Algarve* de Mário Lyster Franco, publicado em 1932. Outro exemplo data de 1933 e pode ser encontrado num artigo da revista *Arquitectura Portuguesa* (número 6), onde as chaminés do Algarve são descritas como “minarettes, levantam-se por toda a parte as chaminés características, padrões de espírito inventivo e de carinhosa paciência – a nota rica, a nota decorativa” (apud Henriques, 1999: 220).

## O papel do Estado Novo

O Estado Novo desempenhou um papel inegável na construção da noção de Portugalidade que temos hoje em dia (Ribeiro, 2017: 289). Um país de brandos costumes onde fado, futebol e Fátima estavam ao centro de todas as famílias. Não podemos negar a grande contribuição da Exposição do Mundo Português (1940) para esta perceção que permanece até aos dias de hoje. Para esta investigação é de particular interesse a reconstituição de aldeias portuguesas, como encenação da ruralidade tão querida entre os ideais do Estado Novo. Com representações de aldeias das treze províncias da metrópole que demonstram bem a visão estatal de cada província, no caso do Algarve as casas são representadas caiadas “com as chaminés de recorte e novidade inverosímeis, que nunca se repetem dentro dos mesmos modelos. A reconstituição de um aglomerado de casas, construção típica de Olhão, com vivendas açoteadas e coroadas das características chaminés, conformando pequenos pátios decorados com vegetação regional” (Ribeiro, Aguiar e Costa, 2005: 139). Há então menção de dois tipos diferentes de chaminés, uma tipologia para Olhão em particular, presumimos que se trate da chaminé de balão, e outra tipologia caracterizada pelos seus recortes, que será a chaminé rendilhada. Para além da

caracterização da chaminé do Algarve são mencionadas também as Alentejanas (descritas como muito brancas e igualmente rendilhadas) bem como da Estremadura e Ribatejo (descritas como coloridas e com decorações de símbolos, nomes ou datas) (Ribeiro, Aguiar e Costa, 2005). Assim, podemos verificar que houve efetivamente estudo e análise local feita antes da elaboração destas reconstituições, embora se tratem de estudos pouco aprofundados uma vez que se procurava representar todo o país (continental e insular europeu) sem que se permitissem grandes pormenorizações, antes a imagem generalizada das regiões representadas. O valor das análises preparatórias para a Exposição do Mundo Português reside principalmente no seu aspeto pioneiro, já que se trata de uma das primeiras abordagens etnográficas a nível nacional e, principalmente, porque se trata de uma representação imparcial, sem juízos de valor e sem mitos explicativos associados à presença da chaminé.



*Figura 9 - Postal com representação das Casas do Algarve, editado para a Exposição do Mundo Português. Fonte: <http://www.museuvirtualdalusofonia.com/galeria/casas-do-algarve/>*

Muito do trabalho realizado na preparação da Exposição do Mundo Português estará na génese da instituição que será conhecida como o Museu de Arte Popular (fundada em 1948 em Belém, junto à localização da Exposição organizada oito anos antes), cuja

fundação será impulsionada pelos esforços de aquisição de peças por parte de António Ferro e do Secretariado da Propaganda Nacional (SPN) que presidia e organizava exposições de carácter etnográfico a nível nacional e internacional desde 1935 quando a primeira exposição desta índole foi organizada em Genebra (Oliveira, 2018: 3-4, 14). Os planos iniciais de estruturação do museu delimitam o seu espaço em diferentes pavilhões, sendo que dois seriam dedicados a albergar a exposição permanente dedicada à etnografia nacional continental (sendo que as ilhas estariam representadas num pavilhão à parte, o pavilhão H). No pavilhão A estariam os artefactos referentes às regiões nortenhas (que incluem as províncias das Beiras, Trás-os-Montes e Entre-Douro-e-Minho), enquanto que o pavilhão B albergaria a exposição referente às regiões do Sul (as províncias do Algarve, Alentejo e Estremadura) (Oliveira, 2018: 117). Para o presente estudo importa aprofundar a organização particular da sala Algarve, localizada ao lado da sala Alentejo através da qual seria feito o acesso. A chegada à sala Algarve era assinalada por um jardim de amendoeiras com flores de papel (Costa Oliveira, 2018), a sala propriamente dita incluía modelos das habitações tradicionais locais, representações dos doces de massapão regionais, almofarizes de pedra, o calçado típico de Olhão, um carro aguadeiro acompanhado com as bilhas para transporte de água, objetos de cestaria, entre outros artefactos tradicionais locais. Todo o conjunto é acompanhado por fotografias, bem como uma pintura mural intitulada 'Algarve – Colorido rodapé numa terra de lendas'<sup>6</sup> localizada na galeria superior. Seria igualmente nesta galeria superior onde poderíamos encontrar réplicas de quatro chaminés tradicionais da execução do Mestre Martins Angelino de Loulé, incluindo assim a chaminé num acervo maior de elementos representantes da região algarvia.



Figura 10 - Mural 'Algarve colorido (...)' presente na sala Algarve no Museu de Arte Popular.

Fonte:

<http://www.matrizpix.dgpc.pt/MatrizPix/Fotografias/FotografiasConsultar.aspx?TIPOPESQ=2&NUMPAG=1&REGPAG=50&CRITERIO=algarve+colorido&IDFOTO=121018>

<sup>6</sup> Da autoria de Tomás de Melo e Manuel Lapa, o mural representa uma paisagem algarvia, incluindo de uma vila de grande brancura acompanhada de alfarrobeiras e amendoeiras, bem como pessoas a participar na colheita destes mesmos frutos (Costa de Oliveira, 2018).



Figura 11 - Livro "Algarve", da autoria do SNI, 1948. Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/36910286972/in/photolist-Rjq1Na-SnrpUD-fr4fqu-jq6Yne-jq8Qgd-jq7ksw-jq7kYw-jq5mAt-XTEFsW-jq8Jxj-Snpt3r-jq723p-SuQog5-jq6XsZ-jq5rLi-re5Mpi-SnoVug-YeCSo9-XT>

Mais do que considerar somente a Exposição do Mundo Português e a criação do Museu de Arte Popular como atos isolados para fomentar sentimentos patriotas, nacionalistas ou unionistas, devemos vê-los como todo um processo construtivo de uma nova 'Portugalidade', a política de espírito que cria a coesão e unidade nacional e social (contudo, devemos salientar que este processo tem antecedentes antes do Estado Novo começar) (Costa de Oliveira, 2018: 6). Todo este processo ficaria incompleto sem o concurso da aldeia mais portuguesa de Portugal, organizado em 1938 antecede os dois temas abordados anteriormente, mas completa a narrativa do Estado Novo quando consideramos os objetivos deste concurso, nomeadamente encontrar e celebrar as aldeias onde a sua 'autenticidade' se mantinha intacta e conservada (consoante estabelecido pelo

SPN<sup>7</sup>) e no fim do concurso galardoar uma aldeia com o título e honra de ser 'a mais portuguesa' de todas. Seria um concurso a ser organizado bianualmente mas o evento será organizado somente uma vez, como sabemos. As aldeias escolhidas pela Junta Providencial para representar o Algarve neste concurso que foram Alte (concelho de Loulé) e Odeceixe (concelho de Aljezur)<sup>8</sup>, sendo que Alte será visitada pelo júri do concurso a 5 de Outubro de 1938 fechando o ciclo de visitas que se havia iniciado a 18 de Setembro do mesmo ano. As visitas do júri (bem como os jornalistas que os acompanhavam) seriam alvo de encenações do mais típico que a aldeia teria, quer isto dizer que poderiam ser convidados habitantes locais a vestir o traje tradicional, poderia haver espetáculos de ranchos folclóricos ou grupos musicais, seriam visitadas oficinas de artes e ofícios bem como casas locais. Como estas visitas eram acompanhadas por jornalistas, temos abundantes descrições das aldeias que visitam, sendo que para as aldeias do sul do país as mesmas são descritas como brancas e pobres, e as pessoas como humildes e trabalhadores. Pedro Félix (2003: 13) realça igualmente a menção a heranças *mouras* e *mouriscas* quando os jornalistas se referem ao Algarve, o que segundo o autor dota a região de um tom fantástico e exótico, o que em conjugação com a simplicidade dos locais (muito apreciada pelos membros do júri) lhe conferia o seu charme característico. Não serão somente artigos escritos que descrevem as aldeias e todo o processo de visitas, todo o processo foi também filmado para posteriormente integrar um documentário, intitulado *A aldeia mais portuguesa de Portugal*<sup>9</sup>. Este documentário mostra imagens, não só da aldeia vencedora, mas também das diversas outras concorrentes. Alte é apresentada na segunda metade do documentário (entre os minutos 26 e 29, sensivelmente) descrita como 'o amor de Cândido Guerreiro'. Alte é apresentada decorada, a celebrar uma procissão, acompanhada dos sorrisos dos locais (vestidos com o seu traje domingueiro) por vezes a encarar a câmara, outras vezes representados em trabalho. Salientamos uma muito curta parte do documentário (aproximadamente 20 segundos) em que são apresentadas oito chaminés da aldeia, demonstrando a importância que lhe foi dada como um elemento característico de Alte.

---

<sup>7</sup> Alguns dos critérios deste regulamento incluem: resistência a influências exteriores; conservação das características nas habitações, trajes, mobiliário, artes populares, contos, música, festas, etc; se bem que o regulamento podia ser alvo de diferentes interpretações pelos membros do júri (Félix, 2003: 5).

<sup>8</sup> A candidatura de Odeceixe foi excluída ao longo do processo do concurso, o júri justifica esta exclusão ao informar que Odeceixe não reunia os critérios exigidos. A forte candidatura de Alte deverá ter agravado a posição precária da candidatura de Odeceixe (Félix, 2003: 7, 22).

<sup>9</sup> Lançado em 1938 com realização de António de Menezes, membro do júri do concurso, disponibilizado online pela Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema: <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=2233&type=Video>.



Figura 12 - Chaminés de Alte. Fonte: Menezes, A. (Realizador). (1938). *A aldeia mais portuguesa de Portugal* (Documentário). S.L.: SNP – Secretariado Nacional de Propaganda.

Como sabemos a aldeia que receberá o título de ‘mais portuguesa de Portugal’ será Monsanto, sendo que Alte terá ficado dentro das seis aldeias ‘mais portuguesas’, sabemos que não era uma aldeia finalista<sup>10</sup> mas ignoramos a classificação exata de Alte nas classificações finais (Félix, 2003: 11).

## **As primeiras abordagens das chaminés e opiniões dos autores – Orlando Ribeiro, Ernesto Veiga de Oliveira, Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa...**

Na obra *Arquitetura tradicional Portuguesa* da autoria de Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano (p. 170-177), os autores iniciam o capítulo que versa sobre o Algarve ao distinguir diferentes tipologias de casa consoante a sua localização dentro da região. Salientando inicialmente a distinção entre a casa da Serra e do Algarve Ocidental da casa do Algarve Central e Oriental. Os autores descrevem a casa da Serra como uma reflexão da pobreza das populações locais, isto pela ausência de paredes exteriores caiadas (à exceção de alguns apontamentos sobre as portas que podem aparecer caiadas), telhados com coberturas de colmo em vez de telha e ausência de chaminés. Os autores referem que

<sup>10</sup> As três aldeias finalistas foram Monsanto, Paul (segunda classificada) e Carrezedo de Bucos (terceira classificada).

a casa da Serra é semelhante à casa do Algarve Ocidental, com uma diferença, nomeadamente a presença de exemplos de casas com platibanda, beiral e alguns exemplos ‘recentes’<sup>11</sup> de chaminés artísticas. Quanto à casa do Algarve Central, os autores mencionam a presença da açoteia e fachadas ricamente ornamentadas com platibandas, cunhais, molduras e outros elementos decorativos. Quanto às chaminés do Algarve Central<sup>12</sup>, os autores salientam os exemplos de Loulé como os de maior riqueza decorativa em todo o Algarve ao dizer que neste concelho “transparece um sentido estético que se revela até em pormenores inesperados” (Oliveira e Galhano, 2000, 177). Para as casas do Algarve Ocidental os autores salientam a abundância de casas com telhados de uma água (telhados com cobertura de telhas sob canas, em oposição dos telhados de colmo mencionados para as casas da Serra) à exceção das casas em Tavira onde predominam as casas com telhados de quatro águas. No caso das casas do Algarve Ocidental os autores não mencionam nem caracterizam as chaminés desta zona.

Orlando Ribeiro faz uma semelhante análise da casa regional em conformidade com os materiais construtivos disponíveis, mencionando o frequente uso da pedra, principalmente calcário e xisto (que se sobrepõe ao uso de taipa nas construções do Barrocal, sendo que a taipa predomina no oeste da região) e que o tijolo é frequentemente empregue em apontamentos decorativos<sup>13</sup>. Para além da influência dos materiais disponíveis nas construções locais, o autor salienta igualmente as marcas deixadas pelas diferentes civilizações que contactaram e que se fixaram neste território, enfatizando que os Romanos terão legado o uso de ladrilho nos solos em substituição da terra batida e o uso de tijolo nas construções, mesmo em zonas ricas em pedra. Ribeiro frisa igualmente o predomínio dado pelos povos Islâmicos ao uso da taipa, apesar de o seu uso preceder a chegada destes povos à Península Ibérica, e será nesta altura que o uso da taipa se generaliza na região. Para além da influência em termos de materiais, Orlando Ribeiro (2013) salienta igualmente que o cruzamento de culturas pode ser observado nos tipos de telhado ou cobertura usados em diferentes zonas, relacionando o telhado de telha aos Romanos e a cobertura de açoteia com a presença Islâmica, se bem que ao longo da presença de ambas estas civilizações permaneciam em uso as casas ‘primitivas’ com coberturas de colmo ou giesta<sup>14</sup>. Na obra *Geografia e civilização* (2013) deste mesmo autor

---

<sup>11</sup> Note-se que quando os autores mencionam obras ‘recentes’ falamos em contexto da obra, cuja edição consultada data de Maio 1992.

<sup>12</sup> Os autores incluem desenhos de casas representativas das características locais ao longo do texto, e na casa-exemplo do Algarve Central os autores incluíram uma casa com chaminé de balão (pp 174).

<sup>13</sup> “Frisos de cimalthas (grelhas), ameias, chaminés, pombais e nos arcos rendilhados das janelas em ferradura.” (Ribeiro, 2013: 53).

<sup>14</sup> “Que significam os tipos de cobertura encontrados no Algarve? A sua variedade, única no território

não são feitas referências às chaminés locais como tema de cultura local nem legado de determinado povo, estas são abordadas na sua faceta mais funcional em relação com os materiais locais, nomeadamente o tijolo.

Uma das obras pioneiras em termos de descrição da arquitetura regional, e uma das obras mais valiosas para o presente estudo pela abordagem exaustiva de todas as regiões do país e dos aspetos característicos de cada uma destas regiões é o *Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa* (organizado pela Associação dos Arquitetos Portugueses). Nesta obra os autores decidem dedicar um subcapítulo ao que chamam ‘elementos de valorização’, o que, no caso algarvio inclui a platibanda e a chaminés, bem como as portas de reixa que podemos encontrar em Tavira. Os autores esclarecem a decisão de incluir estes elementos no estudo devido ao “seu interesse do ponto de vista da qualidade e riqueza de expansão” (Associação dos Arquitetos Portugueses, 2004: 229). Os autores salientam o interesse destes elementos de valorização pela perícia de quem os constrói, demonstrado principalmente pelo conhecimento dos melhores materiais e técnicas construtivas a adotar; bem como por estes elementos refletirem o gosto pelo adorno exterior e consequente ostentação da casa, que atingem o seu expoente nos dois elementos salientados inicialmente – a platibanda e a chaminé – que, nesta região, representam exemplos de arte popular local. Quanto à descrição da chaminé, os autores salientam a variedade das formas que estas podem apresentar (prismáticas ou cilíndricas com aberturas em diferentes formas geométricas executadas em cerâmica) e destacam a chaminé de balão “pela sua perfeita adaptação ao meio, apesar de o encontrarmos pouco utilizado e expandido” (Associação dos Arquitetos Portugueses, 2004: 234). A chaminé de balão é referida como comum em Olhão e na Fusetã, e com parca distribuição fora destas localidades.

Para além do domínio de decoração, os autores mencionam igualmente a importância da cal e de cor na decoração das chaminés, referindo que muitas se apresentam de cor totalmente branca proveniente da cal, mas que decorações coloridas (principalmente em tons de ocre e azul) em contraste com a cal também são frequentes. A menção da cal pelos autores torna-se ainda mais pertinente quando nos apercebemos do valor antropológico da prática anual de caiar as casas, como um símbolo de ostentação e valorização da casa pelos proprietários. Tal como acontece com a chaminé, ter uma casa permanentemente e perfeitamente caiada é motivo de orgulho, deste modo, a chaminé

---

português, é apenas um símbolo de influências de civilização que aqui se vieram sobrepor e combinar, ou representa, de algum modo também, um processo de selecção e de ajustamento ao ambiente” (Ribeiro, s.d.: 211).

como elemento integral da casa também é caiada apesar de servir o propósito de expelir os fumos negros do interior das casas, sendo assim extremamente propensa a sujidade e tornando-se, deste modo pertinente repetir com frequência o cair deste elemento. Este hábito é mencionado por Pedro Prista ao descrever que o “interior da chaminé (que) atesta asseio igual ao que se nota no restante da casa. Para o lume a não enegrecer, as mulheres caíam-na aos Sábados, branqueando os chamados «baixinhos». Após a caiação, lavam-lhe e esfregam-lhe o lar...” (2014: 111). Podemos mais uma vez observar, nesta pequena prática, a valorização dada pelos proprietários à sua chaminé, não permitindo que esta enegreça com o fumo que expele.

## **Representatividade da chaminé no Algarve**

A relevância da chaminé a nível arquitetónico e possivelmente o seu fácil reconhecimento a grandes distâncias dada a sua localização privilegiada sob os telhados das casas e o branco da cal em contraste com o colorido das áreas circundantes podem ter levado ao igualmente destacado papel da chaminé como um elemento representativo (Proença, 1927)<sup>15</sup>. Seja como representação do Algarve no seu todo, dos seus produtos turísticos ou como elemento integrante da heráldica local, vemos repetida a iconografia da chaminé.

Em termos de heráldica regional, a chaminé está presente nos brasões das freguesias de Ferreiras (concelho de Albufeira), Guia (concelho de Albufeira), Almancil (concelho de Loulé) e Boliqueime (concelho de Loulé). O facto de se tratar de freguesias localizadas no Algarve Central é de extrema importância, é nesta particular zona onde encontramos o maior número de exemplares de chaminés artísticas nos dias que correm (à exceção da vila de Monchique, que não se localiza no Algarve Central nem no Baixo Algarve como as restantes freguesias, mas onde encontramos um valioso conjunto de chaminés de grelha oculta preservadas). O curioso na presença da chaminé como elemento heráldico nestas freguesias em particular prende-se com a sua presença relativamente próxima da costa, tanto a freguesia da Guia como Almancil têm costa, e as freguesias de Boliqueime e Ferreiras encontram-se relativamente próximas. Um facto curioso uma vez que normalmente associamos as chaminés com localidades do interior, à beira-serra e não tanto com localidades do litoral, mais afetadas pelas alterações contemporâneas do

---

<sup>15</sup> “E entre o arvoredado, denunciando o aconchego dos lares algarvios, as chaminés esguias espreitam.” (Proença, 1927: 25).

urbanismo das mesmas, principalmente alterações decorrentes da atividade turística nestes pontos. Contudo, estas freguesias em particular são todas freguesias cujas áreas rurais são muito ricas na presença da característica arquitetura do Algarve central.



Figura 13 a 16 - Brasões heráldicos das freguesias de Ferreira, Guia, BoliQUEIME e AlMancil. Fontes:  
Ferreiras: <http://www.jf-ferreiras.pt/ordenacao-heraldica>  
Guia: [http://freguesiadaguaia.pt/conteudos.php?id\\_ct=12](http://freguesiadaguaia.pt/conteudos.php?id_ct=12)  
BoliQUEIME: <http://www.freguesiadeboliQUEIME.pt/ordenacao-heraldica>  
AlMancil: <https://www.almancilfreguesia.pt/ordenacao-heraldica>

Para além da heráldica encontramos igualmente a chaminé representada em logótipos de empresas e órgãos sociais, das quais podemos destacar a Comissão Vitivinícola do Algarve (Vinhos do Algarve Wines), a empresa From Algarve que se dedica à organização de eventos e produção de produtos regionais, e até o logotipo criado para o XIV Congresso Nacional da Associação de Diretores de Hotéis de Portugal (ADHP) organizado em Albufeira no ano 2018. A estas empresas podemos igualmente juntar os restaurantes locais com nome 'chaminé', 'a chaminé', 'a chaminé algarvia', da qual encontramos exemplos em Altura, Loulé, Castro Marim.



Figura 17 a 19 - Diferentes logotipos que incluem chaminés. Fontes:  
 Logotipo Vinhos do Algarve: <https://www.vinhosdoalgarve.pt/>  
 Logotipo From Algarve: <https://fromalgarve.com/>  
 Logotipo XIV Congresso Nacional da Associação de Diretores de Hotéis de Portugal (ADHP):  
<https://www.barlavento.pt/algarve/albufeira-acolhe-congresso-nacional-da-associacao-de-diretores-de-hoteis-de-portugal>

É neste contexto da representatividade das chaminés que importa referir que tipo de menção é feita às chaminés em termos turísticos. Estes elementos arquitetónicos característicos da região despertam a curiosidade dos turistas, e costumam aparecer com breves descrições e belas fotografias em guias turísticos (sejam eles afetos a todo o país ou somente ao Algarve). Analisaremos dois exemplos contemporâneos mais concretos: o guia *DK Eyewitness Guide: Portugal* (publicado originalmente em Londres em 1997, contudo o exemplar em análise é uma tradução em português datado de 2015) e o guia *Reisgids ANWB: Portugal* (publicado originalmente em Haia em 1992 e será este exemplar o analisado, no neerlandês original). Nestes dois guias, cuja primeira edição foi publicada na mesma década, se bem que em mercados turísticos emissores distintos (o britânico e o holandês) fazem menções similares à chaminé do Algarve. Ambos mencionam a sua frequente presença nos cumos dos telhados das casas na região<sup>16</sup> e ambos apontam que a fonte de inspiração das mesmas pode ser encontrada junto dos minaretes e da arquitetura islâmica<sup>17</sup>, enfatizando igualmente que a presença islâmica prolongada em território português se estende para além destes elementos e pode ser encontrada igualmente noutros aspetos como a vegetação (com as suas amendoeiras e laranjeiras), azulejos, entre outros.

<sup>16</sup> “As chaminés são uma característica decorativa importante das casas do Algarve” (Symington, 2015: 27); “Estas chaminés com aberturas, ‘chaminé Algarvia’ [sic], que decoram quase todas as casas, são uma especialidade desta região.” [tradução da autora] (Keuring, 1992: 320).

<sup>17</sup> “Pode ver-se a influência mourisca nas suas formas cilíndricas ou prismáticas e nos desenhos geométricos que perfuram a argila” (Symington, 2015: 27); “Os minaretes das mesquitas *Mouras* formam claramente a fonte de inspiração.” [Tradução da autora] (Keuring, 1992: 320).

Consideradas estas duas descrições contemporâneas em guias turísticos, importa igualmente analisar um exemplo mais antigo, nomeadamente o *Guia de Portugal – Volume II – Estremadura, Alentejo, Algarve* publicado em 1927 sob direção de Raúl Proença. Um trabalho extensivo, onde uma variedade de diferentes autores descrevem diferentes localidades, monumentos, praias e aspetos curiosos do país em cinco volumes. O capítulo dedicado ao Algarve inclui diversas menções às suas chaminés, por vezes em abordagens a localidades específicas como nos casos de Tavira, Alcantarilha, Loulé, S. Marcos da Serra, Faro, Olhão, Luz de Tavira e Monchique, por exemplo. São feitas, igualmente, descrições mais generalistas das paisagens da região decoradas pontualmente pelas chaminés: “O aspecto do litoral, cheio de pomares, de hortedos e de arvoredos baixos, intercalados de casais alvíssimos com chaminés ligeiras e esguias, herdades com sua nora de alcatruzes divididas por sebes de cactos, piteiras e figueiras da Índia (...), encanta às primeiras horas pelo imprevisto. Mas a repetição constante dessas paisagens estreitas chega a cansar, e não nos podemos furtar por fim a uma sensação de monotonia, que um mar quase sem onda não anima, e um céu baixo, como abóbada de templo, não areja” (Proença, 1927: 8). Neste guia encontramos igualmente menções à influência islâmica que se reflete nas chaminés: “as suas rendadas chaminés. Cobertas por vezes de telhas recurvas e ornadas de penas de ferro delicadamente abertas, são das formas mais variadas e caprichosas (...) numa exuberância decorativa que revela a persistência do gosto e da tradição *mouricas*, e a intenção deliberada de fazer diferente, caprichando cada qual na fantasia mais pródiga e mais imaginosa sugestiva.” (Proença, 1927: 31). Contudo mais adiante na mesma obra, cruzamo-nos com uma passagem que nega semelhanças com o continente africano, afirmando uma individualidade da região algarvia para com as regiões vizinhas do Alentejo, Andaluzia e até o Norte de África<sup>18</sup>. Ora, se considerarmos que o património (arquitetónico, imaterial, botânico, etc) é sempre parte de um processo de herança e adaptação à tradição local existente anteriormente, este processo de inclusão de influências exteriores (não somente islâmicas mas de todos os povos que se fixaram no Algarve, ou que mantiveram contactos com a região) na realidade local pré-existente daria sempre origem a um produto final distinto da realidade que encontramos mesmo em regiões vizinhas como no Alentejo ou na Andaluzia espanhola, todo este processo explica e reforça a afirmação desta individualidade.

---

<sup>18</sup> “O Algarve é um retalho do território português que não se confunde com a terra andaluza próxima, nem com a província alentejana contígua, nem se assemelha à nesga do continente africano fronteiro. É uma região bem definida, um compartimento com feições características.” (Proença, 1927: 4).

Ainda no mesmo período temporal, convém abordar o *Guia do Algarve* de Mário Lyster Franco, datado de 1932, no qual também é descrita a presença das chaminés no Algarve em diversas localidades como Santa Bárbara de Nexe e Quarteira (o que já de si é relevante, uma vez que Franco decide abordar localidades diferentes às descritas por Raúl Proença na obra de 1927<sup>19</sup>). Na sua descrição das chaminés, Mário Lyster Franco dá ênfase à originalidade da decoração das chaminés ao afirmar que “não há, na verdade, duas iguais, embora algumas sejam semelhantes. Dá a impressão de que a casa do Algarve é apenas um pretexto para a chaminé algarvia” (Franco, 1932: 25). Outro aspeto referido por este autor é a grande panóplia de formas que as chaminés podem apresentar<sup>20</sup>, que este atribui a o que designa de ‘sobrevivência étnica’ ou ‘saudade maometana’.

Importa igualmente analisar a menção das chaminés na literatura de viagens. Dentro deste género literário vemos que há uma certa omissão a menções das chaminés do Algarve (ocorre por exemplo na *Viagem a Portugal* de José Saramago publicado em 1981, bem como na obra *O (meu) melhor de Portugal* da autoria de Sérgio A. S. Almeida publicado em 2019). Uma obra interessante que decide abordar a temática das chaminés é o livro *The Young Traveller in Portugal* da autoria de Honor Wyatt e publicado em 1960, um livro de viagens incluído numa coleção mais vasta que descreve as viagens da autora com a família em vários países diferentes, publicados ao longo do século XX. Nesta obra a autora descreve as chaminés das casas algarvias como “de forma cada vez mais características – grandes moinhos de pimenta, harmónicas, peças de xadrez e torres em miniatura” [tradução da autora<sup>21</sup>] (Wyatt, 1960: 107), descrevendo assim a paisagem de modo sucinto, evitando qualquer juízo de valor e sem formar teorias quando à origem destas diferentes formas de chaminé com que se cruza.

---

<sup>19</sup> Note-se que a obra de Mário Lyster Franco consultada se refere somente ao Sotavento algarvio, o que já de si limita as cidades que serão abordadas na obra.

<sup>20</sup> “Pode haver duas ou vinte em forma de minarete ou de agulha gótica; de relógio de xarão ou de calorífero esmaltado, de cilindro ou de losango; de cális ou de custódia. Pode haver vinte ou duzentas a terminarem por cobertura reproduzindo uma borla doutoral ou um barrete canónico.” (Franco, 1932: 26).

<sup>21</sup> “De schoorstenen van de huizen werden steeds zonderling van vorm – gigantische peperbussen en mondharmonica’s, schaakstukken en miniatuur-torens” (Wyatt, 1960: 107).

## Capítulo II - A casa e a chaminé nas diversas subunidades regionais do Algarve

Conforme mencionado anteriormente, a chaminé é frequentemente apontada como um elemento característico da arquitetura do Algarve, contudo esta pode aparecer com diversas formas, decorações, alturas, e ser executada em diferentes materiais. Isto leva a que se torne necessário procurar os antecedentes da chaminé, principalmente como esta surge na arquitetura tradicional local e as diversas formas que pode apresentar tanto no exterior da casa (o chamado fumeiro) bem como no interior: nas lareiras, fogos altos, fogos baixos, fornos, fornalhas, entre outros aspetos.

Torna-se igualmente pertinente demonstrar o contexto em que se enquadra a chaminé, ou a casa onde esta se enquadra, de modo a tentar encontrar características das casas e chaminés nas diferentes zonas geográficas da região, bem como analisar se encontramos semelhanças ou diferenças dentro das diferentes subunidades. Este aspeto é deveras pertinente, uma vez que o “estudo da casa comum [é] inseparável do [estudo] do povoamento, de que é marca visível na paisagem” (Conde, 1997: 419). Para o presente estudo teremos de analisar tanto a casa urbana como a casa rural, isto porque a chaminé é na sua essência um elemento que encontramos na casa urbana, igualmente com representação nas casas rurais. Isto graças à íntima relação entre “as tipologias da casa popular algarvia, e os seus métodos construtivos, com a casa tradicional de raiz erudita” (Fernandes, 2005: 76), já que há sempre um reflexo da arte erudita na arte popular e vice-versa. Isto torna-se particularmente notável quando nos debruçamos sobre métodos e materiais construtivos, que estão sempre relacionados e adaptados ao local onde as construções se inserem, bem como nos elementos decorativos que adornam estas tipologias de construção, se bem que talvez num caso mais elaborado e rico que no outro. No estudo da casa rural algarvia surge-nos, contudo, uma característica diferenciadora que é a sua falta de normalização ou standardização. Uma parca constância nas dimensões, proporções e formas tanto interiores como exteriores, e uma conseqüente abundância das possibilidades de como pode surgir a casa rural e as suas componentes.

Devemos igualmente salientar que as formas sob as quais a casa tradicional algarvia se pode apresentar devem ser consideradas dentro do contexto nacional, uma vez que estas se aproximam das realidades (gerais) do que encontramos a sul do rio Tejo, no que foi considerado como a “civilização do barro do Sul do país” por Orlando Ribeiro (2013: 47). Isto é, dentro da vasta zona sul de Portugal podem-se apresentar paralelismos nas

arquiteturas tradicionais de cada subunidade. Por exemplo, um paralelismo que atravessa toda a zona sul consiste na construção com simplicidade estrutural (somente uma ou duas divisões interiores com polivalência das funções que se desempenhavam nas mesmas e caso fosse necessário poderiam ser adicionadas divisões interiores ‘improvisadas’ feitas em taipa, por exemplo) que podiam ou não ser acompanhadas por estruturas anexas.

A este nível, encontramos paralelismos entre a construção geral a Sul do Tejo e no Algarve, nomeadamente ao nível dos materiais empregues na construção das casas (materiais como o adobe ou a taipa, cujo uso data desde a época pré-romana), por vezes em conjugação com pedra local (predominantemente o calcário no Baixo Algarve e xisto na Serra) e com frequente caiação exterior e interior de modo a melhorar a reflexão térmica das estruturas, bem como auxiliar na proteção e conservação das alvenarias. Em termos das coberturas das casas, vemos novamente o uso dos mesmos materiais um pouco por todo o Sul, sendo que, para além do recurso a materiais vegetais (como o colmo, palha ou giesta) como revestimento da cobertura, registava-se igualmente a preponderância da cobertura de telha aplicada sobre caniço. Encontramos também semelhanças nos materiais usados nos solos das habitações, que eram frequentemente de terra batida nos casos mais modestos e de ladrilho em casas mais abastadas. Outros paralelismos que podemos encontrar entre a casa algarvia e a mais ‘geral’ casa a sul do Tejo, é a redução das aberturas para o exterior (janelas e portas) até ao mínimo indispensável, o que frequentemente significa a raridade da presença da chaminé, exceto em casas onde esta demonstra o poderio económico da família que a adquire<sup>22</sup>, contudo esta menor adesão às aberturas para o exterior (frequentemente associado à procura do maior conforto térmico possível) não tem de se prender necessariamente à menor presença da chaminé. Todavia, desde muito cedo, a chaminé assume-se como um símbolo do estatuto do morador da habitação, sendo que na sua ausência a extração de fumos pode ocorrer pelas poucas aberturas que existam na casa (seja pela janela ou simplesmente pela porta de entrada).

---

<sup>22</sup> “Algumas moradias teriam as suas chaminés. Esse elemento seria, porventura, muito raro. Em Évora, é notória a ausência de chaminés, apenas se registando uma, numa casa da mouraria. Em Tomar, apenas conhecemos as existentes nos dois Aposentos do Vigário, na Cerca e a Santa Maria do Olival. Segundo Vítor Pavão dos Santos, predominavam, na época, no Sul de Portugal, as chaminés de pedra ou tijolo, de secção retangular, ressaltadas das paredes, projetadas para o exterior a partir duma pequena abóbada que dominava a lareira. Todavia, também existiriam chaminés cilíndricas e mesmo cónicas.” (Conde, 1999: 294).

## Diferenças (e/ou semelhanças) entre a casa da Serra e a casa do baixo Algarve

De modo a compreender a diversidade da casa tradicional no Algarve, torna-se pertinente fazer uma descrição inicial da casa tradicional de cada uma das subunidades: a Serra, o Baixo Algarve e o Litoral. Considerámos esta divisão do Algarve para a presente investigação, não ignorando a diferenciação existente entre a arquitetura tradicional no Sotavento e no Barlavento<sup>23</sup>, mas considerando-se que as diferenças na arquitetura tradicional são mais notórias e pertinentes de Norte para Sul, do que de Este para Oeste.

Note-se, no entanto, que não falamos da atual casa algarvia, as descrições pertinentes para este estudo centram-se principalmente na habitação presente na região em meados do século passado.



Figura 20 - Subunidades regionais. Fonte: <https://megasportravel.com/pt/caminhadas-pelos-segredos-do-algarve-7-noites-6-etapas>

### Casa da Serra

A Serra algarvia é a maior subunidade regional, consistindo na área setentrional do Algarve (dentro desta subdivisão são frequentemente excluídas, pelas suas especificadas geográficas, as subunidades da Costa Vicentina a oeste, e a zona do Baixo Guadiana a este).

Em termos da arquitetura tradicional na Serra, esta pode ser classificada como pobre, devido, entre outros fatores, à escassa variedade de materiais empregues e à exiguidade de recursos e proveitos disponibilizados por este território. Trata-se de uma zona geográfica

<sup>23</sup> “Por Barlavento, a poente de Portimão, [chaminés] não abundam; sai muitas vezes o fumo por três fendas do telhado, formadas pela elevação de três *cobertores* (telha curva, com a concavidade voltada para baixo; canal é a telha com a concavidade voltada para cima), que recebem para isso um pouco mais de argamassa. Em Sagres há-as. Nem todas são belas; de Lagoa para levante, de modo geral, no Sotavento, são frequentes as artísticas.” (Vasconcelos, 1983: 294).

caracterizada por declives, por vezes acentuados, com fracas acessibilidades, o que contribui para a dificuldade do processo de edificação e pelo recurso privilegiado dos materiais locais. Note-se que a frequente humildade das habitações não implicava necessariamente a ausência total de apontamentos decorativos, contudo, quando existiam estes apontamentos decorativos, eram mais modestos que no restante Algarve (Costa, 2008).

Podemos traçar algumas semelhanças entre a casa da Serra algarvia com a casa do monte alentejano. No *Inquérito Regional à Arquitetura Portuguesa*, a casa alentejana e a casa algarvia são descritas como “de composição simples e de um só piso; a chaminé nem sempre é utilizada; os estábulos, os galinheiros, as pocilgas, os fornos, etc., acompanham a habitação ou 'monte' e fica-lhe adossados, ou, por vezes, agrupados e dela distintos” (1961: 311). A grande diferença apontada nesta publicação entre a casa do Algarve e a casa alentejana prende-se com a importância dada no Algarve em receber visitas em casa, o que leva a alterações na organização do espaço interior (como o local por onde se entra na casa, o que no Algarve é feito por um espaço próprio – uma sala de receber ou um corredor que dará acesso a uma sala deste género – ao invés da cozinha<sup>24</sup>, que no Algarve se apresenta como menos cuidada que no Alentejo) bem como necessidades que advêm deste gosto, nomeadamente necessidades de ordem estética. Note-se que esta diferença apontada pelos autores se aplica tanto à realidade construtiva em contexto de povoamento disperso como povoamento aglomerado, no Algarve. Devemos igualmente salientar que tanto no caso algarvio como no caso alentejano (e até na Andaluzia adjacente), os montes estão na sua índole associadas a explorações agrícolas<sup>25</sup>. Deste modo encontramos vários pontos de contacto entre as necessidades do monte, associadas às necessidades do quotidiano, que são condicionantes na sua construção e constituição (Ribeiro, 2009).

Encontramos uma grande exceção à descrição da casa da Serra feita nos parágrafos anteriores, que nos dão a imagem de casas pequenas, térreas, “de cobertura única inclinada” (Fernandes, 2006: 104), com poucas aberturas (janelas quase ausentes, chaminé que pode ou não estar presente), que é na vila de Monchique. Contrariamente ao casario da Serra normalmente caracterizado pela preponderância das casas de piso térreo,

---

<sup>24</sup> “De serem, em regra, as cozinhas, não na casa de entrada, como no Alentejo, mas para trás e ao meio do telhado, resulta terem as chaminés disposição diferente das do Alentejo.” (Vasconcelos, 1983: 294-295).

<sup>25</sup> “Monte – é a casa de uma pequena «fazenda» e também o conjunto da «fazenda» e da casa. No primeiro sentido equivale, de certo modo, ao «monte» alentejano. Para casa de residência notem-se também as expressões: «casas de moradia» e «morada de casas».” (Vasconcelos, 1983: 283).

em Monchique encontramos casas com andar nobre (Vasconcelos, 1983: 287), bem como um uso frequente da chaminé, preferencialmente de grandes dimensões (como ocorre no Alentejo, se bem que a forma da chaminé de Monchique é distinta da grande chaminé retangular alentejana) equipada interiormente com fumeiro de enchidos, sendo que “a base da chaminé ocupava, geralmente, toda a largura da cozinha. Aí, junto da parede, se fazia o fogo no chão, passando esse lugar a ter a designação de lar. (...) À volta do fogo se reunia a família para se aquecer, para conversar e para rezar o terço e cantar orações, pela Quaresma.” (Marreiros, 2001: 240).



*Figura 21 e 22 - Casas com andar nobre em Monchique. Fotografia da autora.*

### **Casa do Baixo Algarve**

João Vieira Caldas (2010) descreve a casa do Baixo Algarve em detalhe, embora com a ressalva que a casa vernacular algarvia apresenta maior variação do que poderíamos esperar (dentro da uniformidade tipológica existente). Segundo o autor há um predomínio da pequena propriedade que encontramos de modo disperso no território. Existem igualmente latifúndios e propriedades de média dimensão, aliás, é comum que proprietários detenham várias propriedades de pequenas ou médias dimensões. Mas a casa associada a estas propriedades segue, normalmente, a mesma tipologia, a que podemos igualmente chamar de monte, independentemente das dimensões da propriedade.



*Figura 23 - Casa em Santa Bárbara de Nexe (concelho de Faro).  
Fotografia da autora.*

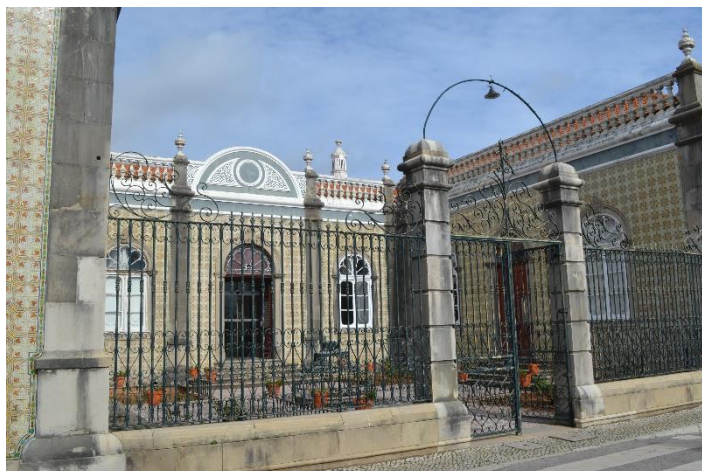
Estes montes são caracterizados como tendo apenas um piso, de planta retangular com duas fiadas de divisões paralelas (uma fiada virada para frente e a outra virada para trás), separadas por uma parede. Estas divisões serviam não só para habitação dos proprietários e por vezes dos caseiros, mas incluíam também as principais divisões necessárias para as suas atividades diárias (falamos da existência de celeiros, palheiros, armazéns, entre outros, dentro do perímetro da casa). As paredes das divisões consideradas habitacionais<sup>26</sup>, bem como a fachada (preferencialmente virada para Sul no Baixo Algarve e para Este no caso da Serra) seriam caiadas e todo o conjunto seria coroado por um telhado de duas águas. A fachada da casa teria um empedrado a acompanhar o comprimento da casa no exterior, que poderia ser usado para atividades diárias dos proprietários. A esta estrutura estaria associada uma cozinha exterior onde se cozinhava e onde estaria o forno, que seria uma construção adicional para evitar fazer o fogo dentro da habitação (estas cozinhas seriam de pequenas dimensões, em contraste com a cozinha alentejana que seria uma divisão grande onde se recebiam convidados). No exterior estariam igualmente as dependências relacionadas com as atividades agro-pastoris como o estábulo, capoeira ou pocilgos. Ou seja, há uma articulação dos elementos constituintes do monte algarvio.

Ao longo dos séculos, e principalmente a partir do século XVII com a crescente ruralização da população endinheirada, os montes começam a engrandecer e a ter mais

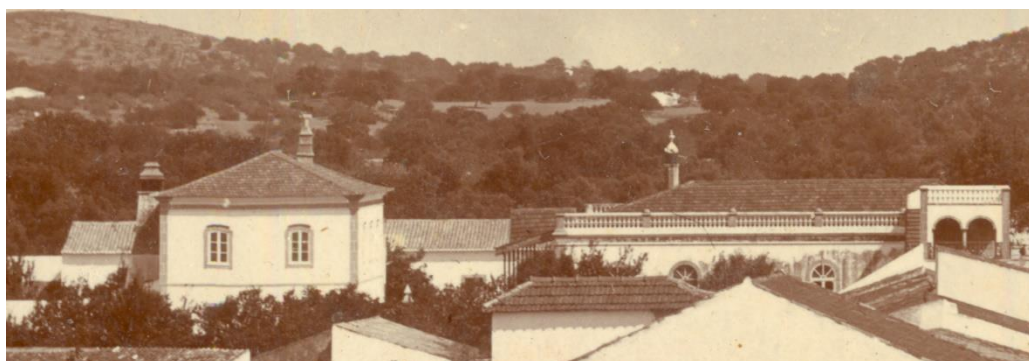
---

<sup>26</sup> Excluem-se as dependências que dessem apoio às atividades agro-pecuárias do conjunto de divisões denominadas de 'habitacionais'.

divisões associadas. Este crescimento ocorre principalmente com a adição de novas divisões interiores enquanto que a planta retangular é, normalmente, mantida ao longo da construção.



*Figura 24 - Moradia em São Brás de Alportel, hoje desempenha funções como Museu do Traje. Fotografia da autora.*



*Figura 25 - Edifícios anexos ao actual Museu do Traje em S. Brás de Alportel. Fotografia datada de 1904, cedida pelo próprio Museu.*

O autor destaca igualmente outra tipologia de casa do Baixo Algarve que é menos frequentemente abordada, as ‘casas torre’ ou ‘casas forte’, caracterizadas pela sua planta quadrada de dois pisos, que apresenta quatro divisões em cada piso, com cobertura de quatro telhados de tesouro, um sobre cada divisão. As divisões do piso térreo seriam lojas de apoio às atividades agro-pastoris e as divisões do piso superior seriam para habitação dos proprietários. Estas casas-forte ou casas-torre teriam a sua origem no século XVI, e sofreriam alterações no decorrer do século XVIII para incluir mais divisões interiores (mais precisamente cerca de sete ou oito) passando todos estes a ser coroados pelos seus telhados de tesouro individuais.

Quanto à presença de chaminés na casa popular da Serra bem como no Baixo Algarve, João Vieira Caldas esclarece que a sua presença estaria pouco difundida no período do Antigo Regime, aliás, as chaminés estariam presentes e seriam elementos distintivos para casas de famílias abastadas. Ao mesmo tempo, o autor salienta que as chaminés desta altura não se apresentariam como as chaminés ditas 'rendilhadas' que conhecemos hoje, a difusão desta tipologia de chaminé terá ocorrido a partir do século XVIII, com maior enfoque no século XIX, o que faz delas, na sua essência, fenómenos da Idade Contemporânea e essencialmente urbanos (Caldas, 2007).

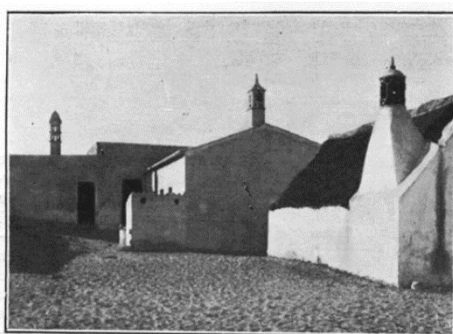


*Figura 26 - Telhados de tesoura do Paço Episcopal de Faro.  
Fonte: [https://www.cm-faro.pt/5910/paco-episcopal.aspx#prettyPhoto\[1\]/0/](https://www.cm-faro.pt/5910/paco-episcopal.aspx#prettyPhoto[1]/0/)*

## **Casa do Litoral**

É na casa do litoral algarvio que encontramos a maior evolução tipológica, desde as casas 'primitivas' (conforme descritas por José Leite de Vasconcelos) até aos dias que correm. É relevante abordar estas habitações primitivas não só para fazer uma certa contextualização histórica, bem como para demonstrar o contraste entre o Algarve da planície costeira habitado predominantemente por pescadores, e o Algarve do interior dedicado à exploração da terra. Um dos aspetos mais importantes a salientar é a prolongada (em termos temporais) tradição de construção de habitações feitas com recurso a materiais vegetais como madeira, palha, junco, colmo, canas e argila. Dito isto, constatamos que há uma ausência do uso de cantaria e pedra, em construções litorais, até datas bastante próximas como, nomeadamente, o século XVII em Olhão ou o século XIX

no caso da Fuseta<sup>27</sup>). José Leite de Vasconcelos aborda o panorama habitacional do litoral em detalhe no volume VI da sua *Etnografia portuguesa* (1983), descrevendo as cabanas dos pescadores de Boliqueime e Olhão como sendo feitas de canas cobertas de palha; as cabanas de Quarteira<sup>28</sup> são descritas como sendo feitas de madeira e cana cobertas com junco seco com chão de argila batida; as cabanas da Culatra seriam igualmente feitas em madeira e cobertas com junco ou colmo e assente sobre estacas (também chamadas de construções palafíticas); repetindo-se este cenário na Fuseta, Cabanas e Monte Gordo onde voltamos a encontrar habitações de pescadores feitas com recurso a madeira e junco. Todas estas habitações apresentariam poucas ou nenhuma janela, estavam equipadas com uma única abertura para o exterior – a porta de entrada – sendo que no caso da cozinha se encontrar dentro do espaço habitacional, ao invés de se situar numa dependência separada, o “fumo sai pela porta de entrada, única abertura na habitação” (Vasconcelos, 1983: 282). Em alguns casos pontuais encontramos registos em que estas casas do litoral apresentam chaminé, alguns dos exemplos mais ilustrativos desta realidade habitacional são fotografias datadas da primeira metade do século XX que ilustram pequenas casas em localidades de costa, cobertas com telhado de colmo e chaminé de alvenaria, que demonstram a grande variedade de formas que não só a chaminé pode apresentar, mas também a arquitetura tradicional local (Santos e Costa, 2020: 217-218). Esta caracterização da habitação das vilas piscatórias do litoral traça-nos uma realidade completamente oposta da atualidade, mostra-nos uma imagem de um Algarve humilde e de poucos recursos em termos habitacionais.



*Fig. 2 – A chaminé alma da casa, mesmo quando ela é tão pobre que tem telhado de colmo. (Quarteira)*  
(Foto Zambrano)

*Figura 27 - Casa com cobertura de colmo com chaminé em alvenaria, localizada em Quarteira. FRANCO, MárioLyster; GOMEZ, Zambrano – Guia-Álbum do Algarve. Sotavento. Lisboa: Zambrano Gomez, 1932: 4.*

<sup>27</sup> Esta preponderância das habitações primitivas até pode ser comprovada pela toponímia local, nomeadamente em Cabanas de Tavira.

<sup>28</sup> Se bem que o autor menciona igualmente que nesta localidade existiam casas de alvenaria, caiadas, igualmente com cobertura de junco, com chão de ladrilho.

Avançando da casa primitiva para a casa corrente, Filomena Henriques refere que é na moradia do litoral que começam a surgir as platibandas e as chaminés, com generalização a partir do século XIX (Caldas, 2010). O mesmo é defendido por José Manuel Fernandes (2006), que menciona que é “no sector meridional litoral, [que] a casa térrea e caiada apresenta já uma série de pormenores requintados, nas chaminés mais pequenas, nas faixas de cor e platibandas; surgem as açoteias em parte da cobertura, com abobadilhas de tijolo; os fornos separados da casa e acoplados aos anexos”, demonstrando assim a riqueza da casa corrente do litoral, que se apresenta com bastantes apontamentos decorativos. Elementos como as platibandas e as chaminés dotam as fachadas de uma certa cenografia, contribuindo para a ostentação do poderio económico do proprietário, bem como a dignificação da própria casa, isto porque tanto a platibanda como a chaminé constituíam “um precioso elemento de definição e distinção do edifício, na medida em que, somente, os proprietários mais endinheirados podiam suportar tal extravagância” (Henriques, 1999: 211). Dito isto, é importante salientar que a maioria das construções tradicionais que se mantiveram intactos até aos dias de hoje se encontram na região interior do Baixo Algarve, onde a construção é menos afetada pela transformação urbana, arquitetura de substituição e o *boom* do turismo do último quartel do século XX.



Figura 28 e 29 - Casa com platibanda em Albufeira e Pechão (concelho de Olhão).  
Fotografias da autora.

## Como surge a chaminé

“Num edifício as chaminés são um elemento imprescindível e em certo sentido essencial. Sem lareira ou fogão não existe casa. (...) Uma criança nunca esquecerá a chaminé quando desenha uma casa” [Tradução da autora<sup>29</sup>] (Correa, 2018: 5-6). Dito isto, devemos deixar claro que a chaminé nem sempre foi o elemento essencial mencionado na afirmação citada. Se verificarmos ao longo da história, constatamos que as chaminés são

<sup>29</sup> “En un edificio las chimeneas son un elemento imprescindible y en cierto sentido esencial. Sin hogar o fogón no existe la casa. (...) Un niño nunca olvidará la chimenea cuando dibuja una casa.” (p 5-6).

elementos ausentes nas culturas clássicas, por exemplo, o sistema Grego de expulsão de fumos assentava um orifício no telhado das casas que seria aberto em caso de necessidade e que poderia ser tapado quando assim o desejado (Correa, 2018). Podemos verificar esta mesma ausência de chaminés com os Romanos, bem como nas civilizações egípcias, assírias e hebraicas (Esselborn, 1928: 312).

Será essencialmente a partir da Idade Média que vemos surgir, na Europa, o uso da chaminé. Segundo Viollet-le-Duc estas já existiriam nos séculos XII e XIII (Esselborn, 1928: 312). Quanto à generalização da chaminé, Maria Ângela Beirante (1995) afirma que este processo terá ocorrido a partir do século XI, especificamente nos países do Norte da Europa, sendo que para os países do Sul tal terá ocorrido mais tarde, nomeadamente no século XIII (Correa, 2018: 10). A transformação da chaminé em elemento 'essencial e imprescindível' deve-se muito às transformações que ocorrem a nível da casa senhorial feudal, bem como das grandes abadias europeias, principalmente nas cozinhas das mesmas. Difunde-se pela Europa desta altura o hábito de construir chaminés cujas bases ocupavam toda, ou quase toda, a superfície da divisão em que esta se localizava<sup>30</sup> (Correa, 2018). Além de se difundirem os espaços em que estas estariam incluídas alargando-se a sua presença a salões, aposentos, gabinetes e outros espaços que passam nesta altura a incluir uma lareira de aquecimento (expandindo-se assim a função da chaminé, esta deixa de se associar apenas com a preparação de alimentos e conjuga-se agora ao aquecimento de espaços habitacionais). Note-se que, até ao século XVI as chaminés eram consideradas objetos artísticos (principalmente em França), elementos que se destacavam nos telhados e conseqüentemente caracterizavam a silhueta dos edifícios onde eram incluídas (Esselborn, 1928).

O mais antigo exemplo documentado de chaminés adossadas a outras construções data de 1227 em Veneza (Correa, 2018: 10), a partir desta data a chaminé ter-se-á expandido por toda a Itália, e seguidamente para territórios transalpinos<sup>31</sup>. Será no século XVI, mais concretamente em 1582, que as chaminés serão incluídas na tratadística arquitetónica, pela mão de Sebastiano Serlio em 1575<sup>32</sup> e Leon Battista Alberti em 1582<sup>33</sup>. "Na mesma época, o alemão Hieronymus Rodler, na sua *Perspectiva...* (Simmer, 1531,

---

<sup>30</sup> Uma prática comum na arquitetura doméstica, que pode igualmente ser aplicada na arquitetura das elites, como ocorre no Palácio Nacional de Sintra, cuja cozinha apresenta duas gigantescas chaminés cónicas.

<sup>31</sup> A grande adesão da chaminé em território italiano pode ser comprovada nas várias pinturas que representam paisagens urbanas, da qual Correa destaca as pinturas quatrocentistas de Masolino, Mantegna, Carpaccio e Massacio das cidades de Florença e Veneza, onde abundam chaminés.

<sup>32</sup> Ano em que é publicado o volume VII, cujo capítulo XXIX trata do tema das chaminés.

<sup>33</sup> Volume V, capítulo XVII, segundo digitalização disponível online no seguinte link:  
[http://biblioteca.fa.ulisboa.pt/images/livros/tr\\_10\\_R\\_10\\_100.pdf](http://biblioteca.fa.ulisboa.pt/images/livros/tr_10_R_10_100.pdf).

Frankfurt 1546) ao representar a rua de uma cidade germânica, coloca nas casas fumegantes chaminés” [tradução da autora<sup>34</sup>] (Correa, 2018: 12), demonstrando assim a expansão das chaminés a partir de Itália num curto espaço de tempo. Neste período e ao longo de todo o Renascimento, as chaminés serão caracterizadas pela quantidade de elementos decorativos que apresentam bem como pelo uso de materiais nobres, concedendo um maior grau de importância a estes elementos marginais), o que está bem presente, por exemplo, nos castelos de Chambord e Blois no vale do Loire (Esselborn, 1928).



Figura 30 e 31 - Chaminés do castelo de Chambord e ilustração de Hieronymus Rodler, respectivamente. Fontes: <https://9gag.com/gag/aGRwOw>; [http://livresanciens.fritsknuf.com/index.php?id\\_product=376&controller=product](http://livresanciens.fritsknuf.com/index.php?id_product=376&controller=product)

Serlio dará particular ênfase às chaminés, chegando a traçar tipologias: as chaminés de fabrico italiano seriam de corte circular ou poligonal com um corpo alto incluindo um remate (assemelhando-se a um farol), apresentando também por vezes formas piramidais e cónicas (por vezes invertidas, bastante frequente em Veneza). As chaminés francesas apresentar-se-iam com planta retangular cujo corpo central é constituído por diversas secções sobrepostas que se vão tornando mais delgadas à medida que avançam,

<sup>34</sup> “En la misma época, el alemán Hieronymus Rodler, en su *Perspectiva...* (Simmer, 1531, Frankfurt, 1546), al representar la calle de una ciudad germánica, coloca en las casas humeantes chimeneas.” (Correa, 2018: 12).

decoradas com motivos clássicos. Um outro tratado que devemos salientar pela preponderância do tema da chaminé é o da autoria de Philibert Delorme, intitulado *Le Premier tome de l'Architecture* (Paris, 1567), da qual o livro IX versa sobre chaminés e lareiras, tornando-se um verdadeiro tratado de chaminés completíssimo (Correa, 2018: 12).

Alberti menciona, no século XVI, a importância das chaminés (e das suas lareiras) nos salões das casas senhoriais, nomeadamente o papel importante que estes elementos representam no conforto das famílias em tempos inverniais. O autor salienta a preponderância do uso da chaminé, no século XVI, ao descrevê-las nas cidades da Toscana e da Lombardia como nunca tendo uma altura superior à dos telhados, o que significa que estas chaminés não seriam um elemento de destaque na paisagem, ao contrário do que ocorria noutras partes de Itália, segundo este mesmo autor. Em termos de presença histórica, Alberti indica que a chaminé poderá ter existido nos tempos da Antiguidade, se bem que em menor número do que na época em que escreve esta afirmação<sup>35</sup>. O autor descreve igualmente como deverão ser construídas as chaminés para que sejam eficientes: “tem de ser o mais direto possível, espaçosas e não demasiado afastadas da luz, não pode permitir entrada excessiva de vento mas suficiente para permitir a subida do fumo. (...) Por estes motivos não devemos fazer [a chaminé] num canto ou demasiado enclausurada na parede, nem permitir que ocupe a melhor parte da divisão onde serão recebidas visitas. (...) O remate da chaminé deve ser tapado para evitar a entrada de chuva, e nas laterais deverão existir grandes aberturas que permitem a saída do fumo” [Tradução da autora]<sup>36</sup> (Alberti, 1986: 106).

Outro trabalho a notar, pela riqueza das representações incluídas, é o catálogo da autoria de Peter Paul Rubens intitulado *Palazzi di Genova*<sup>37</sup> publicado em 1622, que demonstra na perfeição como a chaminé era utilizada como representação do estatuto social e económico dos proprietários dos palacetes da cidade de Génova, sendo que as chaminés se apresentam em conformidade com o traço das fachadas e com o mesmo nível de riqueza, detalhe e ornamento, “contribuem a dar magnificência do conjunto” [tradução da autora]<sup>38</sup> (Correa, 2018: 16).

---

<sup>35</sup> “There are many arguments to convince us that chimneys were in use among the Ancients; but not such as ours are now” (Alberti, 1986: 106).

<sup>36</sup> “It must be as direct as possible, capacious, not too far from the light, it must not draw the wind too much, but enough however to carry up the smoke. (...) For these reasons do not make it just in a corner nor too far within the wall, nor let it take up the best part of the room where your chief guests ought to fit. (...) Let the top of the chimney be covered to keep out rain, and all round the sides let there be wide holes for the passage of the smoke, with breaks projecting out between each hole to keep off the violence of the wind” (Alberti, 1986: 106).

<sup>37</sup> Esta obra encontra-se digitalizada e disponível online no seguinte link: <https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/rubens1622>.

<sup>38</sup> Citação original: “Contribuyen a dar magnificencia al conjunto”.

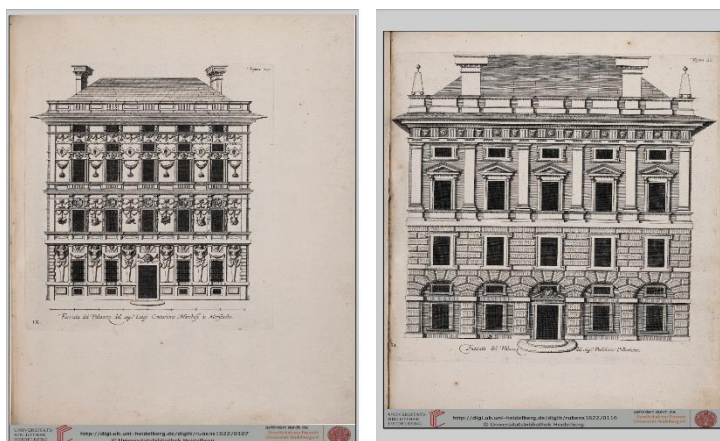


Figura 32 e 33 - Palacetes de Génova, figuras n.º 27 e 37.  
Fonte: Rubens, 1622.

Em termos da generalização da presença da chaminé na Europa, Esselborn (1928) aponta que este processo terá início no século XVIII (a par com a invenção da máquina a vapor). Em termos da presença da chaminé no casario corrente em território nacional, e em particular no Sul do país, é pertinente referir que nas casas burguesas de Évora nos séculos XIV e XV já há registo de algumas habitações com chaminé, se bem que não seria um elemento generalizado na cidade, isto só irá ocorrer ao longo do primeiro quartel do século XVI<sup>39</sup>, não só em Évora como também em Elvas (Branco, 2020). No Algarve, há menções de casas com chaminé desde, pelo menos, o século XVI quando estas são incluídas em descrições de casas locais em documentos como o *Tombo da Comenda da Ordem de Cristo em Castro Marim*, datado de 1509 (Cavaco, 2001), vemos as chaminés de Castro Marim igualmente incluídas nas representações do *Livro das fortalezas* de Duarte de Armas<sup>40</sup>; contudo, menções a chaminés na arquitetura do Algarve em tempos medievais são pontuais, identificados no presente estudo somente na vila de Castro Marim. Ao longo da Idade Moderna o panorama é semelhante, referências bibliográficas e iconográficas que confirmem a presença de chaminés em território algarvio são escassas, se bem que existe presença comprovada neste período em locais como Faro e Lagos (Santos e Costa, 2020).

<sup>39</sup> Silvana Sousa (2019) encontra na sua análise documental 364 menções a chaminés nos espaços domésticos de Évora (na passagem do século XV para o XVI), o que faz deste elemento “um dos elementos mais referidos, normalmente localizadas nas casa dianteira, no sobrado desta, quando existente, chegando a haver dois a três exemplares nas casas de maior dimensão” (Sousa, 2019: 10).

<sup>40</sup> “O coroamento das habitações comuns por chaminés nas cidades do Odiana seria bem mais frequente do que o era nas urbes do Norte e Centro do País. Duarte de Armas esquisou-as com alguma profusão, em edifícios de prestígio, representando-as pontualmente na casa urbana comum. No plano morfológico, o debuxador revela-nos dois tipos, as de secção quadrada e as cilíndricas, ambos se projetando em altura a partir dos telhados” (Conde, 2011: 135).



*Figura 34 - Pormenor da representação de Castro Marim por Duarte de Armas.*

## **Fogo alto e fogo baixo, fogão de alvenaria**

O fogo baixo, isto é, o fogo que é feito no chão (normalmente num dos cantos de uma divisão) predominava na Serra, enquanto que no Baixo Algarve se favorecia o fogo alto em fornalhas de alvenaria (da qual podemos salientar um exemplo contemporâneo que hoje em dia é visitável na casa rústica de Milreu onde é observável o fogão de alvenaria ou o fogo alto com chaminé) (Costa, 2008).



*Figura 35 - Fogo alto na casa rústica de Milreu. Fotografia da autora.*



*Figura 36 - Fogo baixo na casa rústica de Milreu. Fotografia da autora.*

No caso do fogo baixo, o local onde seria feito o fogo era, por vezes, assinalado pela presença de uma pequena pedra encostada à parede (esta podia ter várias designações, da qual a mais comum na Serra é *sempre-noiva*, frequentemente chamada de *boneca* no Alentejo). O chão onde seria feito o fogo era normalmente composto de lajes de xisto com

um resguardo, as paredes adjacentes poderiam ser pintadas de modo a disfarçar o negro dos fumos (em tentativa de embelezamento do espaço) e os sistemas que acompanham o fogo baixo poderiam ser chaminés de chupão ou de pano (Costa, 2008).

A arquiteta Marta Santos (2009) salienta que na casa da Serra, a lareira mais comum é a de ‘fogo livre’, isto é, fogo baixo feito a um canto de uma divisão cujo fumo seria escoado por uma abertura formada por várias telhas levantadas da cobertura do telhado em forma piramidal, usualmente recorrendo a duas ou quatro telhas (de modo a evitar a entrada da água das chuvas nas casas). Esta tipologia de ‘chaminé’ rudimentar seria a de execução mais simples, um dos indivíduos entrevistados para o artigo citado descreve-os como mais comuns na Serra dado que a sua execução era relativamente fácil e ao alcance monetário de quase todos. Pelo contrário, as chaminés artísticas com decorações de rendilhados só seriam feitas por mestres, uma vez que este trabalho exige talento e perícia. As chaminés de fogo livre estariam associadas tanto a fornos de pão como a casas de fogo, ou seja, estariam sempre associadas a locais de confeção de alimentos.



*Figura 37 - Chaminé rudimentar, telhas tapadas com argamassa. Fotografia da autora.*

A chaminé de chupão estaria localizada a um canto de uma dependência, frequentemente adossada à parede mestra, o seu sistema permitia um escoamento eficaz dos fumos o que, conseqüentemente, possibilitava que o fogo fosse feito dentro de casa em substituição dos fogos de fora. “É fundamentalmente a partir do período de transição da primeira para a segunda metade do século [XX], com a construção do chupão, que a chaminé se torna mais comum nas habitações do seareiro. O chupão corresponde a uma estrutura de menores dimensões que a lareira, que cobria apenas a superfície do lar, mas cujo pano era construído recorrendo aos mesmos materiais (adobes, caniço ou tijolo maciço). (...) Assim, (...) a partir de finais do século XIX, em que a chaminé começa progressivamente a pontuar os conjuntos edificados mais abastados, sucede um segundo

tempo em que aquela se generaliza, passando a marcar presença em habitações de proprietários de diferentes estratos” (Costa, 2008: 73). Será então a partir desta cronologia que se começa a difundir a presença da chaminé em todos os grupos da sociedade, com a evolução das estruturas interiores da chaminé a partir da estrutura do chupão. O fumeiro exterior que coroa esta estrutura poderia ser de balão ou grelha (estruturas igualmente eficientes na tiragem dos fumos do interior das casas e igualmente eficientes em termos de proteção da mesma de chuvas, ventos ou aproximação de animais), normalmente desprovida de decoração e vemos um predomínio das estruturas de planta quadrada.

A chaminé de pano estaria reservada a habitações de famílias mais abastadas uma vez que esta consiste na construção de um pano de alvenaria inclinado, feito em tijolo ou adobe, no canto da divisão desejada. Esta é a tipologia de chaminé que começa a aparecer nas cozinhas uma vez que este sistema permitia que o fogo fosse feito no interior das casas sem pôr em causa a salubridade da mesma e a saúde dos seus habitantes. Este pano estaria apoiado sobre uma trave de madeira que poderia ser rebocada ou não (e em alguns casos servia como prateleira para guardar loiças e outros utensílios de cozinha), a trave de amparo partia de meia altura da parede e seguia até ao teto. Estas chaminés de pano seriam rematadas por um fumeiro ou chaminé (de grelha ou balão, e a tipologia mais frequente é a chaminé rendilhada feita de telha e ladrilho) e as paredes interiores seriam rebocadas para disfarçar o negro do fumo. Nestas chaminés de pano, a confeção de alimentos não teria obrigatoriamente de ser feita em fogo baixo, poderia fazer-se sobre lajes de xisto elevadas ou sobre uma bancada, fazendo-se assim a transição de fogo baixo para fogo alto. A existência do pano permitia também a colocação do fumeiro interior onde podiam ser fumados enchidos (o que usualmente seria feito entre os meses de Dezembro e Maio).

A presença da chaminé rendilhada, ou da chaminé em geral já que esta tinha pouco destaque nas casas da Serra, ocorre a partir do fim do século XIX, por influência da casa do Baixo Algarve. A adoção de modelos do Baixo Algarve na Serra permitirá, inicialmente, distinguir entre a casa do pequeno proprietário e do lavrador, mas numa segunda fase estes modelos exteriores adotados irão difundir-se pela Serra e esta distinção entre lavrador e proprietários mais abastados será menos clara (Ribeiro, 2009).

## Casa de fogo e casa do forno

A habitação vernacular surge frequentemente como um aglomerado de estruturas separadas interdependentes, os seus elementos fundamentais: casa de fora, casa de dentro e casa de fogo, estruturas às quais, na maioria dos casos, se juntavam estruturas agro-pecuárias. Para o presente estudo torna-se pertinente focarmo-nos na casa de fogo, uma vez que seria o local privilegiado para a presença das chaminés. Contudo, salientamos que à exceção da especificidade da casa do fogo (cuja finalidade era resguardar o fogo para confeção de alimentos), os diferentes espaços que constituíam a casa não teriam uma especialização como ocorre na casa do fogo, já que os diferentes espaços da casa não teriam uma função específica atribuída pelo menos até meados do século XIX (no caso de casas nobres e mais tarde em casas mais modestas).

A casa do fogo surge frequentemente como uma unidade autónoma, como a sua própria divisão, podendo ser interior ou exterior, isto é, separada da habitação (o que faz da casa do fogo, e mais tarde da cozinha, um elemento diferenciador entre a arquitetura vernacular algarvia da alentejana – onde a cozinha surge quase sempre associada à casa de fora). A casa do fogo pode, ou não, estar associada ao forno de pão. Na zona do Baixo Guadiana, a separação das fornalhas exteriores do espaço habitacional era frequentemente feita por motivos de segurança e salubridade, evitando assim a presença de fumos nocivos dentro do espaço habitacional, bem como para evitar as temperaturas altas que decorriam da presença do fogo dentro da casa (um método simples para regular a temperatura da casa, principalmente importante nos meses de Verão). Caso estes fornos fossem de fato exteriores, frequentemente não haveria necessidade para estes disporem de chaminé, motivo que justifica a razão para “na zona interior do Baixo Guadiana, muitos (...) aglomerados onde não existiria, até há pouco tempo, uma única chaminé” (Sintra e Estevens, 2004: 29). Na mesma publicação são incluídos relatos da população local que frisam os motivos para separar o local onde era feito o fogo do restante da habitação, não só para evitar frequentes caiações dos panos de chaminé, mas também para evitar males de saúde. Os entrevistados desta publicação descrevem como o fogo seria feito a um canto, contra uma parede e como a junção de duas telhas já funcionaria como chaminé (se bem que esta chaminé primitiva não proporcionava um escoamento de fumos muito eficiente e tornava assim o espaço mais propício ao enegrecimento das paredes), visto que era pouco frequente se encontrarem chaminés na zona até recentemente.

No caso dos fornos de pão, são maioritariamente separados fisicamente do resto da casa surgindo como uma estrutura independente. Contudo, o forno de pão pode aparecer

adossado à estrutura da casa, adotando um papel semiautónomo. Inicialmente seriam fornos de planta circular, feitos em barro e xisto por cair, que com o passar das décadas passaram a apresentar-se mais frequentemente com plantas quadradas, coroados com cúpulas feitas de tijolo ou telhados de duas águas com cobertura de telha e com a caiação sempre presente. Contudo, devemos mencionar que estes fornos de pão podem apresentar-se com coberturas planas, assumindo igualmente funções de açoteia. Depreendemos assim que há uma grande variedade em como os fornos de pão se podem apresentar, dependendo das funções que este teria de assumir. Nos casos em que o forno de pão surge como unidade independente este poderia ter a sua própria chaminé. Quando o forno de pão surge adossado à casa do forno, a chaminé construída serviria não só o forno de pão como também a lareira no interior da casa, o que explica o tamanho significativo de certas chaminés sob fornos de pão. A base destes fornos de pão seria feita em materiais disponíveis localmente, sendo que o chão seria usualmente feito em ladrilho de barro e o exterior estaria frequentemente coberto com alvenaria de xisto (caiada ou não). Esta base teria uma altura de cerca de 70 cm de altura, ponto de onde o arranque da abóbada começa, abóbada esta executada em tijolo de barro cozido. Seria no arranque da abóbada que seria deixada uma abertura de ventilação, chamada de 'ouvido', normalmente localizada do lado oposto da boca do forno. A construção da abóbada é geralmente feita com recurso a tijolo de barro maciço e argamassa de barro (se bem que o aproveitamento de outros materiais de construção, como telhas, também era possível). A cobertura dos fornos de pão poderia ser feita com argamassas de cal, à semelhança das paredes dos mesmos, e podem apresentar um telhado em telha de canudo (de duas águas), ou até uma cobertura cónica. Todas estas possíveis coberturas poderão ou não apresentar um remate superior. A boca do forno pode consistir num vão com arco de volta perfeita, ou o vão poderá ter uma forma triangular (caso o vão seja feito com lajes de xisto que permitem facilmente obter esta forma), o tamanho desta abertura costuma rondar os 50 cm. Estas estruturas assumem-se, normalmente, como estruturas baixas, frequentemente com alturas rondando o metro de altura, uma vez que quanto maior a estrutura mais tempo demoraria o fogo a aquecer o forno e mais lenha seria necessária, de modo que fornos de tamanho mais pequeno, conseqüentemente mais eficientes, seriam preferidos (Ribeiro, 2009).

Os fornos de pão podem aparecer acompanhados de um poial, ou muro de apoio onde se podem colocar os utensílios necessários para a cozedura do pão ou associados a outras atividades. Este muro de apoio costuma ter uma altura entre 50 e 60 cm e pode ser

acompanhado de uma fornalha, esta seria a antecessora do fogão, isto é, uma cavidade no poial onde se fazia o fogo para cozinhar as refeições (Ribeiro, 2009).



*Figura 38 - Forno de pão tradicional em Caldas de Monchique (chaminé alterada). Fonte: <https://amantesdeviagens.com/conhecer-portugal/mini-escapadelas/termas-de-monchique-um-refugio-na-serra-algarvia/>*

## Capítulo III - Tipologias de chaminé “tradicional”

A chaminé do Algarve distingue-se das chaminés que encontramos na arquitetura vernacular de outras regiões (a nível nacional e internacional) principalmente pelo seu elaborado traço. A atenção dada ao detalhe na conceção destas chaminés demonstra a originalidade dos artesãos locais, seguindo as palavras de Isabel Raposo (1995: 205) podemos chamar-lhes de ‘artesãos-construtores’ na medida em que têm de desenvolver uma peça não só funcional, mas também com elevado valor estético para agradar aos seus encomendadores que, com a sua chaminé, procuram refletir o seu estatuto social e económico. O brio com que a chaminé era elaborada, tendo em conta os desejos e as possibilidades orçamentais do cliente (uma vez que a duração da empreita é proporcional ao valor a pagar pelo cliente, quanto mais longa era a encomenda da empreita – dias, semanas ou até meses – mais cara seria a chaminé<sup>41</sup>), bem como os materiais disponíveis e a necessidade de ser feita uma peça única, ou uma réplica de uma peça pré-existente que fosse de encontro ao gosto do cliente demonstra igualmente a mestria que estes artesãos teriam. Não nos podemos esquecer que se trata de uma peça altamente visível, um cartão de visita do artesão que poderia trazer-lhe mais negócio e mais clientela, assim constatamos a necessidade da melhor execução possível por parte do artesão. Além do gosto pessoal do artesão, as chaminés refletiam igualmente o gosto decorativo da época em que eram produzidas e demonstravam a evolução dos gostos (Henriques, 1999).

As chaminés apresentavam-se frequentemente com um elevado nível de autonomia dentro da construção onde se incluíam, destacando-se da mesma, tanto pelo trabalho decorativo elaborado como pela sua monumentalidade (Jorge e Mestre, 1998: 20). Isto porque, em termos de dimensões, as chaminés podem atingir entre 1m20cm e 1m80cm de altura (Mestre, 2018). Sendo que os diâmetros das chaminés se vão tornando menores à medida que avançamos no tempo e que as modas e técnicas de execução se vão melhorando.

Ao longo da presente investigação, e principalmente no trabalho de campo, foi possível constatar que não existe somente uma ‘chaminé algarvia’, mas diversas tipologias ou formas sob a qual esta se pode apresentar. Estas tipologias apresentam-se em diferentes momentos temporais, como uma evolução de uma primeira chaminé mais

---

<sup>41</sup> De modo a determinar a duração da empreita, generaliza-se a expressão “Quantos dias quer de chaminé?”. Questão colocada pelos mestres, como parte integrante do processo de encomenda e de orçamento (Adragão, 1985: 31).

funcional e rudimentar (mais semelhante ao que podemos observar nas chaminés alentejanas, de planta retangular, apesar dos exemplares algarvios serem de menor tamanho). Tornando-se as decorações mais elaboradas com o passar das décadas, enquadradas em plantas mais diversas, passa-se do simples retângulo para bases quadradas e mais tarde cilíndricas e, menos frequentemente, hexagonais ou octogonais.

Devemos igualmente salientar os materiais frequentemente utilizados na elaboração destas mesmas chaminés, que também são um reflexo dos materiais disponíveis na região e que são, claro, os materiais que também encontramos na construção das casas tradicionais. Falamos de materiais como pedra, barro, tijolo maciço, ladrilho, telha (ou pedaços de telha), madeira, cal (que podemos encontrar tanto no exterior como também frequentemente no interior das chaminés e lareiras), bem como argamassas com que, por vezes, as chaminés são rebocadas ou que podem surgir como parte integral da decoração exterior (Henriques, 1999). Mais tarde, o cimento será adotado para as chaminés de molde, sendo que os moldes poderiam ser feitos em cartão, madeira ou folha-de-Flandres<sup>42</sup> (Jorge e Mestre, 1998: 20). De um modo geral, estes materiais são pintados ou rebocados e caiados.

As grelhagens exteriores dos fumeiros representam não só a estética da chaminé como têm funções utilitárias de proteger o interior das casas de elementos climáticos como a água da chuva, o vento e correntes de ar, além do mais, a grelhagem não poderia permitir a entrada ou nidificação de aves. Estas condicionantes demonstram a importância do processo de conceção e desenho dos chamados rendilhados e outras aberturas da chaminé, caso não seja feito do modo mais indicado a chaminé pode ser danificada com elementos climáticos da qual deve proteger o interior da casa, ou o seu propósito de escoar os fumos interiores pode ser insatisfatória.

Em termos de tipologias podemos fazer distinções em termos do processo de construção, bem como em termos da decoração que as chaminés apresentam no fumeiro, dando assim origem a cinco categorias onde podemos incluir os variados exemplos de chaminés que encontramos no Algarve. São estas categorias: a chaminé de planta retangular com grelha de ladrilho, a chaminé com grelha de ladrilho simples, a chaminé com grelha de ladrilho complexa (ou rendilhada), a chaminé de balão, a chaminé de saia e a chaminé de molde. Abordaremos estas diferentes tipologias de seguida.

---

<sup>42</sup> “Folha de ferro estanhado, empregada no fabrico de numerosos utensílios domésticos.” Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [online], <https://dicionario.priberam.org/folha-de-flandres> [consultado a 12-04-2020].

## A chaminé de planta retangular com grelha de ladrilho



*Figura 39 - Chaminé retangular em Paderne. Fotografia da autora.*

Trata-se da tipologia mais antiga que podemos encontrar, com menores apontamentos decorativos e executada de modo mais robusto ou rude. Estas chaminés costumam ter uma volumetria superior às demais, e a grelhagem caracteriza-se por apresentar decoração que podemos classificar como despretensiosa.

Filomena Henriques data esta tipologia como sendo frequente no século XIX e na primeira década do século XX. João Vieira Caldas descreve esta tipologia como “de planta retangular, têm saídas de fumo laterais com frestas verticais ou aberturas triangulares simples feitas com elementos cerâmicos (tijoleira) e uma pequena cobertura telhada com cumeeira e duas águas de uma telha de comprimento cada” (2007: 246), esta tipologia poderia apresentar-se menos elaborada do que como é descrito, surgindo somente com frestas longitudinais em detrimento de trabalhos em tijoleira mas mantendo a sua planta retangular. O autor aponta esta tipologia de planta retangular como típica das casas rurais medievais e modernas, apesar da casa medieval muito provavelmente não ter uma chaminé de raiz (poderá, no entanto, apresentar uma construção posterior à campanha de obras inicial). É importante salientar que esta tipologia de chaminé não é exclusiva do Algarve e que a encontramos noutros territórios a nível nacional. É uma tipologia que perdura até aos dias que correm, o que demonstra que esta tipologia não se extinguiu com o passar do tempo nem com o aparecimento de outras tipologias (Caldas, 2007).

## A chaminé com grelha de ladrilho simples



*Figura 40 - Chaminé monumental com grelha de ladrilho simples em Porches. Fotografia da autora.*

Uma das tipologias de chaminé de grelha aparente, que podem apresentar grelhagens de composição simples ou complexa. A vertente mais simples consistia numa grelha que apresentasse “ladrilho disposto na vertical (...), que podemos encontrar em chaminés de diferente secção (circular, quadrada, octogonal ou retangular, etc.). Nestes casos, a ornamentação estava ausente do desenho da grelha, mas poderia estar presente através da pintura ou dos trabalhos em massa executados no pano da chaminé ou no chapéu” (Santos e Costa, 2020: 209-210).

Distinguimos esta tipologia da anterior pela sua menor volumetria. Em toda a região, e especialmente no Baixo Algarve, é comum a chaminé de planta inscrita no quadrado (formas circulares, quadradas de ângulos cortados, octogonais, conforme mencionado anteriormente). Esta tipologia tem por hábito apresentar, igualmente, maior verticalidade do que a tipologia descrita anteriormente, e será o ponto de partida para a chaminé rendilhada, ou com grelha de ladrilho complexa, que abordaremos adiante.

## A chaminé com grelha de ladrilho complexa ou rendilhada



*Figura 41 - Chaminé rendilhada na Nave do Barão (concelho de Loulé). Fotografia da autora.*

“A chaminé (...) [torna-se] um pretexto decorativo, no qual se concentra o poder imaginativo dos seus construtores” (Henriques, 1999: 219). A chaminé rendilhada, ou de grelha de ladrilho complexa, é a tipologia que permite a maior quantidade e variedade de elementos decorativos, o que conseqüentemente significa que permite igualmente criar distinções entre as casas onde esta é incluída. Esta é a tipologia que mais foi empregue em termos de turismo e propaganda da região, isto a partir da década de 1930 (Raposo, 1995).

Quanto a datações do surgimento desta tipologia, poderá ter a sua origem no século XVIII ao mesmo tempo que se desenvolvem outros elementos ditos ‘típicos’ para a região, como as platibandas e as açoteias, mas a sua popularização e desenvolvimento como uma expressão autónoma dentro da arquitetura tradicional local ocorre ao longo do século XIX. O desenvolvimento desta tipologia, com exuberantes recortes e com planta poligonal começam a difundir-se no início do século XX (Caldas, 2007).

“Há quem sugira que a origem da chaminé rendilhada tenha sido a chaminé de balão, à qual se retiraram esses muretes envolventes para deixar à vista a lanterna, ganhando em riqueza decorativa com a variedade plástica da grelhagem artesanal caiada, embora prejudicando o seu funcionamento” (Associação dos Arquitetos Portugueses: 2004, 354). Este funcionamento prejudicado mencionado refere-se não só a uma tiragem inferior de fumos que decorre do facto de na chaminé rendilhada haver aberturas de menor tamanho

(apesar de frequentemente serem em número maior) mas também à maior exposição da grelha aos diferentes elementos climáticos (vento, chuva, granizo, entre outros), pelo que frequentemente vemos este tipo de chaminés com proteções plásticas ou até as chaminés serem entaipadas por completo para evitar situações adversas, em ambos os casos ficamos impossibilitados de apreciar a beleza da chaminé. Em algumas ocasiões, o papel da chaminé rendilhada não estaria tão ligado à tiragem de fumos como estaria ao seu papel de representatividade da casa e do proprietário, “não era indispensável que funcionasse bem, ou sequer que funcionasse” (Caldas, 2007: 250). Por vezes, e essencialmente em casas abastadas, quando ocorria a fraca tiragem de fumos de uma chaminé com grelha de ladrilho complexa, poderia haver uma segunda chaminé (pouco ou nada decorada) na casa do fogo ou na cozinha.

Segundo Isabel Raposo (1995), a chaminé com grelha de ladrilho complexa (em Alte) costuma aparecer numa posição central da casa, acompanhando a posição central da cozinha. A autora descreve esta chaminé como volumosa, ornamentada, e com uma substancial verticalidade em comparação aos telhados, bem como em comparação com o pé direito das casas onde encontramos esta tipologia de chaminé.

Esta é a tipologia a que nos remetemos quando ouvimos a expressão ‘chaminé algarvia’, trata-se de um elemento essencial na casa contemporânea e podemos caracterizá-la pela sua base tronco-piramidal (inicialmente, já que com o passar das décadas começarão a surgir também chaminés de base circular e mais tarde poligonal). Seguidamente surge o corpo intermédio artístico, onde as aberturas para escoamento dos fumos podem surgir numa panóplia de formas normalmente executadas em tijoleira, geralmente em duas fiadas sobrepostas (destacamos a grande quantidade de exemplares que apresentam as aberturas como frestas em formato de X ou V invertidos, se bem que motivos mais elaborados também são usuais). Toda esta estrutura será rematada por um pináculo que pode assumir uma grande variedade de formas das mais simples às mais complexas (Caldas, 2007).

## A chaminé de balão e a chaminé de saia



*Figura 42 - Chaminé de balão em Alte.  
Fotografia da autora.*

A chaminé de balão é uma tipologia com parca decoração, mas muito resistente. A eficácia desta tipologia prende-se com o facto de a grelhagem de fumos não ter decoração de rendilhados, o que permite o escoamento dos fumos ao mesmo tempo que proporciona proteção frente a elementos climáticos. Ao invés do que acontece com as chaminés rendilhadas onde a decoração é feita na grelhagem, no caso da chaminé de balão esta é frequente ser feita em massa no murete exterior (sendo que assim não interfere com a função prática da chaminé). Como esta tipologia apresenta menores elementos decorativos podemos concluir que não teria o mesmo papel ostensivo que as chaminés com grelha de ladrilho complexa. O facto da construção desta tipologia de chaminé não se prender com necessidades da representação do poder de compra da família a quem pertence poderá explicar a parca quantidade de chaminés de balão datadas que encontramos no Algarve (Caldas, 2007).

A sua presença é frequentemente associada a Olhão e Monchique, podendo igualmente ser encontrada com frequência na Fuseta, e menos frequentemente em Loulé, Faro, e Vila Real de Santo António (entre outros). Segundo Isabel Raposo (1995), em Alte esta tipologia foi adotada nas casas burguesas a partir do início do século XX em detrimento de outras tipologias mais decoradas cujas técnicas de construção, segundo a autora, já em finais do século XX não eram ensinadas a jovens pedreiros devido ao longo tempo de

execução, que podia rondar uma semana de trabalho para dois pedreiros a trabalhar em conjunto, o que tornava a sua execução extremamente dispendiosa (Henriques, 1999).



*Figura 43 - Bairro dos pescadores em Olhão. Fonte: [http://www.monumentos.gov.pt/site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=25855](http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=25855)*

Ao encontrarmos um número significativo de exemplares da mesma tipologia de chaminé em zonas territoriais urbanas, podemos afirmar que esta terá originado em ambiente urbano. Curiosamente encontramos vários exemplos em casas de construção em série (daí que esta tipologia predomine em Olhão e na Fuseta), mais uma vez demonstrando que neste caso não se trataria de um símbolo de prosperidade, mas antes de uma chaminé eficaz cuja construção seria de custos reduzidos. No entanto, a chaminé de balão pode também surgir em casas ricas, onde a riqueza dos habitantes será provavelmente demonstrada pela decoração das cantarias, platibandas e molduras da casa.



*Figura 44 - Chaminé de saia em Monchique. Fotografia da autora.*

As chaminés de saia poderão ser uma subcategoria da chaminé de balão, distinguem-se pelo pano de fuga dos fumos da chaminé que é visível a partir do exterior no caso das chaminés de saia (este arranque normalmente é sempre oculto pelos telhados

das casas), e é uma tipologia de chaminé sempre associada com a vila de Monchique<sup>43</sup>. Estas chaminés de saia desempenhavam funções de fumeiro de enchidos, bem como fogão de aquecimento e cozinha.

“A saia é um pano de parede com aproximadamente 10 cm de espessura, colocada em redor das frestas por onde sai o fumo no topo da chaminé. A chaminé de saia utilizava a pressão criada pelo vento sobre os lados da superfície da saia para criar uma aspiração na conduta. A saia servia assim para a saída de fumos assegurando uma aspiração eficaz para todos os ventos e servia de proteção contra as chuvas e ventos fortes. As formas deste tipo de chaminé (...) também variam” (Associação Almargem online, 2006). As paredes da saia podiam ser decoradas com argamassas ou simplesmente pintadas, e costumam apresentar remates piramidais (Proença, 1927: 98).

## A chaminé de molde



*Figura 45 - Chaminé de molde em Albufeira.  
Fotografia da autora.*

Trata-se da tipologia mais recente a surgir no seguimento da modernização das técnicas de construção, do desenvolvimento de novos materiais e novas necessidades por parte das oficinas e clientes. A sua produção deve ter sido iniciada por volta da década de 40 do século XX (Mestre, 2018). As chaminés de molde apresentam-se como mais decoradas e esbeltas do que as suas antecessoras temporais e a sua elaboração requeria

---

<sup>43</sup> Um dos projetos desenvolvidos por esta mesma vila foi a organização de um percurso pedestre com áudio-guia pela vila para a observação destas chaminés de saia. Disponível em: <http://www.viaalgarviana.org/index.php/the-track/percursos-audio-guiados/>

“elevado domínio da técnica construtiva e criatividade do mestre construtor” (Jorge e Mestre, 1998: 20).

Conforme foi possível averiguar junto dos mestres oleiros entrevistados para esta investigação, esta tipologia de chaminé seria pré-fabricada ou pré-moldada. Será este o aspeto que distingue esta tipologia de chaminé de todas as mencionadas anteriormente, executadas no local onde serão colocadas e feitas à medida das necessidades e desejos do encomendador. Estas chaminés de molde seriam feitas em antecipação a uma encomenda, como um género de ‘pronto a usar’, recorrendo a moldes para um processo de execução breve. Caso esta produção possa ser feita ‘em massa’, com recurso a todas as tecnologias mais modernas (como fornos elétricos ou máquinas para amolecer o barro antes deste ser trabalhado), poderão ser comercializadas de modo bastante acessível em termos de preço. É esta a grande maioria de chaminés que vemos hoje em dia a coroar os telhados das casas algarvias.

O facto das chaminés serem moldadas permitia ao seu criador atingir grande perfeição na execução da chaminé, algo que não era possível quando esta era feita à mão. Os seus motivos decorativos aparecem como uma evolução dos motivos usados nas chaminés com grelha de ladrilho complexa (onde a decoração é obtida pela sobreposição de materiais como ladrilho ou telha) mas com ainda mais detalhe e maior nível de perfeição. O que, mais uma vez, somente é possível graças ao uso de moldes e de diferentes materiais, como o cimento ao invés do ladrilho usado anteriormente, que não permitia a execução de detalhes minuciosos com a mesma facilidade. Quanto aos materiais, estas chaminés poderiam ser feitas na íntegra em cerâmica ou cimento (o que ocorre frequentemente com as chaminés pré-moldadas), enquanto que as pré-fabricadas costumam apresentar um interior metálico com cobertura exterior em tijolo ou blocos de outro material (Raposo, 1995). A abundância e o fácil acesso a esta tipologia de chaminé levam à sua grande distribuição por toda a região, aliás, costumam ser estas as chaminés integradas em projetos de construção de novas moradias um pouco por todo o Algarve.

Note-se que apesar de se tratar de uma produção industrial, não se tratam de chaminés menos belas que as outras tipologias mencionadas anteriormente, são uma mera evolução das tipologias anteriores tornadas mais acessíveis às massas (Mestre, 2018).

## **Análise de fichas de registo**

O trabalho de campo desenvolvido incidu nalguns concelhos do Algarve Central, com principal foco no Baixo Algarve Central. Dentro desta demarcação, desenvolveu-se trabalho de campo nos concelhos de Albufeira, Faro, Lagoa, Loulé, Olhão e Silves. A escolha de desenvolver trabalho de campo nestes concelhos específicos prende-se principalmente com a quantidade de chaminés existente nos mesmos, maioritariamente em bom estado de conservação, bem como a diversidade tipológica nestes concelhos. Salientamos duas exceções a esta demarcação feita, dois casos em que foi decidido desenvolver trabalho de campo fora do Baixo Algarve. Esta decisão foi tomada baseada na importância dada em ambas as localidades à chaminé, bem como às formas distintas que as chaminés apresentam em cada uma, falamos de Monchique e São Brás de Alportel.

O trabalho de campo consistiu no registo fotográfico de exemplares de chaminés considerados relevantes, isto é, não se trata de um registo aleatório, antes pelo contrário, trata-se de uma análise pessoal e subjetiva na eleição dos exemplares a considerar relevantes para o presente estudo. Para além deste trabalho de catálogo, foi igualmente registada a morada e as coordenadas GPS do local onde se encontravam as chaminés registadas de modo a facilitar investigações futuras. Após o trabalho de registo, foram elaboradas fichas de registo de fácil consulta, organizadas por concelho, com as respetivas fotografias bem como alguns dados informativos adicionais. Foram elaboradas no total mais de 150 fichas para os oito concelhos abordados.

Os aspetos considerados mais relevantes para analisar as chaminés incluem: a caracterização da habitação onde as mesmas se integravam (nomeadamente se se trata de edificações de um, dois ou três andares ou se existem outros tipos de enquadramento), se a chaminé surge associada à platibanda, a quantidade de chaminés datadas e quais as datas apresentadas, e as tipologias de chaminé registadas. Em termos das tipologias fez-se uma análise quanto à grelhagem da mesma, classificando as chaminés registadas como tendo uma grelha de ladrilho simples ou complexa, planta retangular com grelha de ladrilho simples (semelhante à chaminé alentejana de grandes dimensões), de molde, ou como apresentando grelha oculta como ocorre nos casos da chaminé de saia ou de balão.

Com base nos dados compilados nas fichas de registo bem como nos dados disponíveis em diversas fontes bibliográficas e fotográficas (como os trabalhos desenvolvidos por Artur Pastor (a obra *Algarve* (1965) em particular) e o registo fotográfico que acompanhou a investigação para o *Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa* (Associação dos Arquitetos Portugueses, 2004), elaboraram-se várias cartas que demonstram a presença das diferentes tipologias de chaminé mencionadas anteriormente nos diversos concelhos da região, de modo a possibilitar uma análise visual da sua distribuição. De seguida analisaremos as diferentes cartas elaboradas, por ordem cronológica de surgimento da tipologia em questão: começando pelas chaminés com grelha de ladrilho simples de planta retangular, passando pelas chaminés com grelha de ladrilho simples de plantas diversas, chaminés com grelha de ladrilho complexa, chaminés de balão, chaminés de saia e terminando nas chaminés de molde (cf. Santos e Costa, 2020). Note-se que a colocação dos pontos onde se encontram os diferentes exemplares registados é aproximada e não corresponde à localização exata dos mesmos.

## Distribuição geográfica

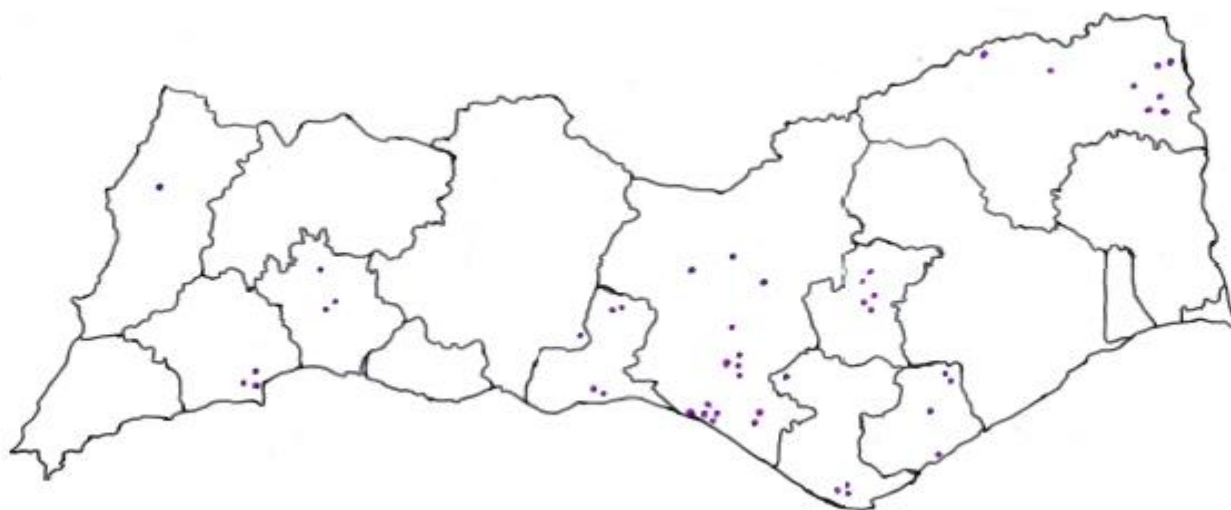
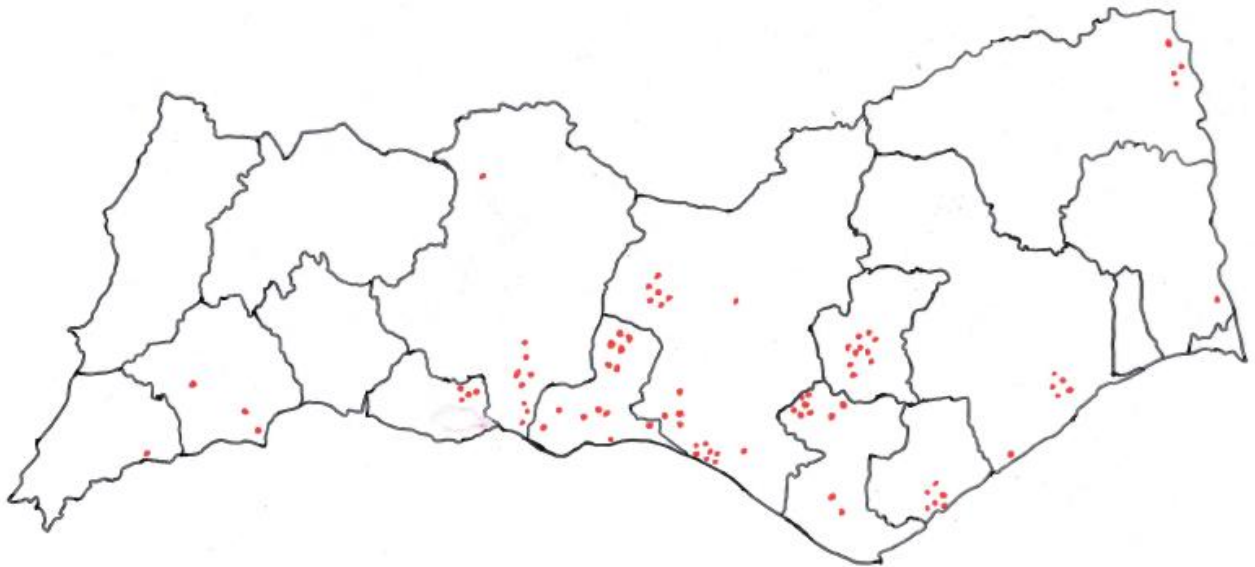


Figura 46 - Carta de distribuição regional de chaminés de planta retangular.

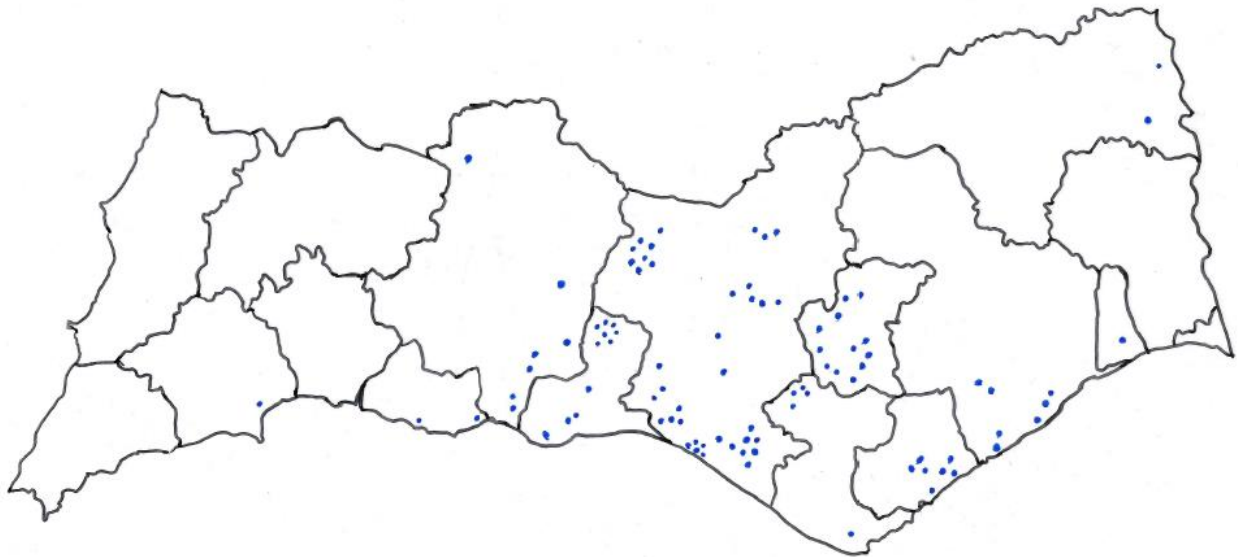
Da investigação desenvolvida, e conforme se pode verificar na carta elaborada, constatamos que as chaminés de planta retangular de grandes dimensões foram registadas com maior frequência no Sotavento algarvio e maioritariamente no Baixo Algarve. O concelho que atualmente apresenta maior quantidade de chaminés de planta retangular

com grelha de ladrilho é o concelho de Loulé. Contudo, não podemos deixar de salientar que esta será a tipologia mais ancestral documentada, pelo que esta conclusão poderá não ter sido a realidade noutros tempos. É igualmente importante salientar que esta tipologia de chaminé surge com menor frequência nos dias que correm, mas é de presença assídua em registos fotográficos de meados do século passado da autoria de Artur Pastor, por exemplo, bem como no registo fotográfico feito para o Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa feito neste mesmo período.



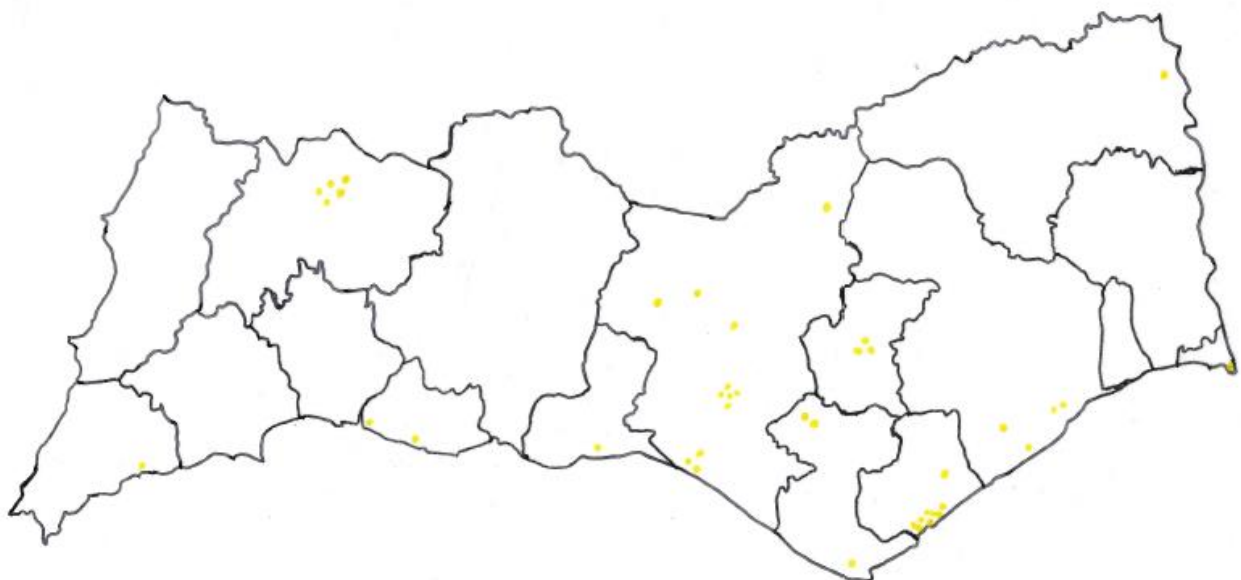
*Figura 47 - Carta de distribuição regional de chaminés com grelha de ladrilho simples.*

Quando consideramos os exemplares de chaminés com grelha de ladrilho simples registados, vemos uma tendência centralizante no que toca à distribuição, com a grande maioria dos exemplares situados entre Porches (Lagoa) e São Brás de Alportel, juntamente com alguns exemplares, embora em número reduzido, nos concelhos de Lagos, Tavira e Alcoutim, entre outros. Como evolução estilística da tipologia anterior, mantendo a simplicidade da grelhagem, mas tornando a estrutura da chaminé mais delgada, apresenta soluções distintas em termos de planta, sendo que vemos uma preferência por formas inscritas no quadrado (como formas hexagonais, circulares, octogonais, e quadradas com os ângulos cortados).



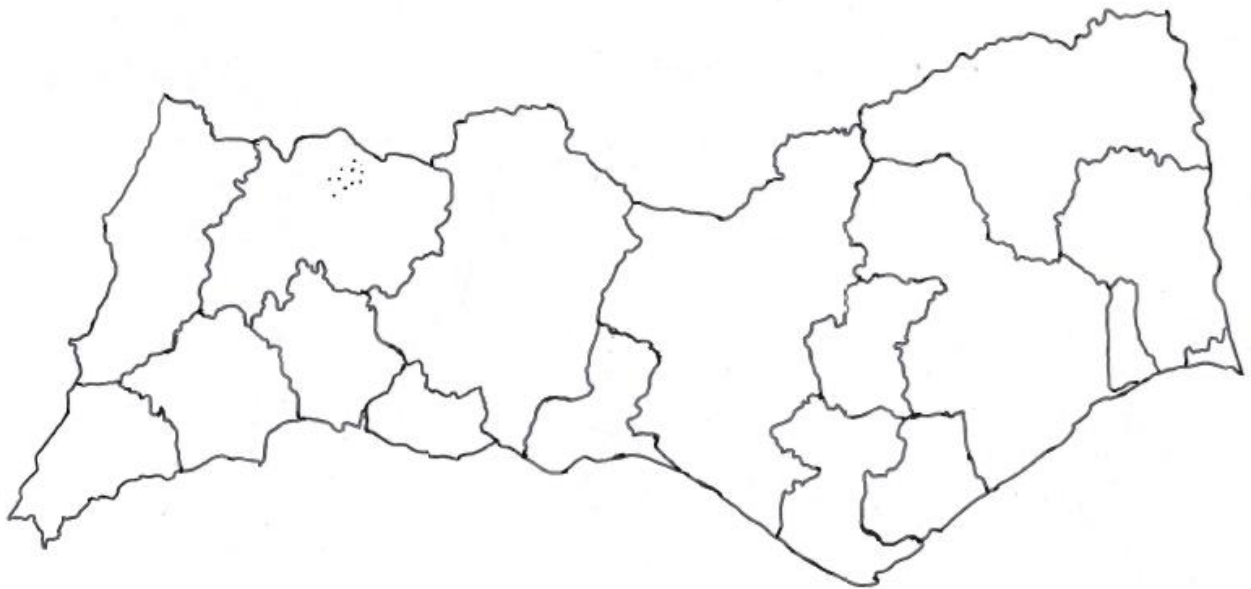
*Figura 48 - Carta de distribuição regional de chaminés com grelha de ladrilho complexa.*

Os exemplares registados de chaminés com grelha de ladrilho complexa seguem a tendência das chaminés com grelha de ladrilho simples, com distribuição centralizada no Algarve, com presença e criatividade significativa no concelho de Loulé. Esta é a tipologia de chaminé com maior número de exemplares registados, tanto em trabalho de campo como na bibliografia disponível, verificando-se que, em termos cronológicos, esta tipologia tem um desenvolvimento significativo na primeira metade do século XX.



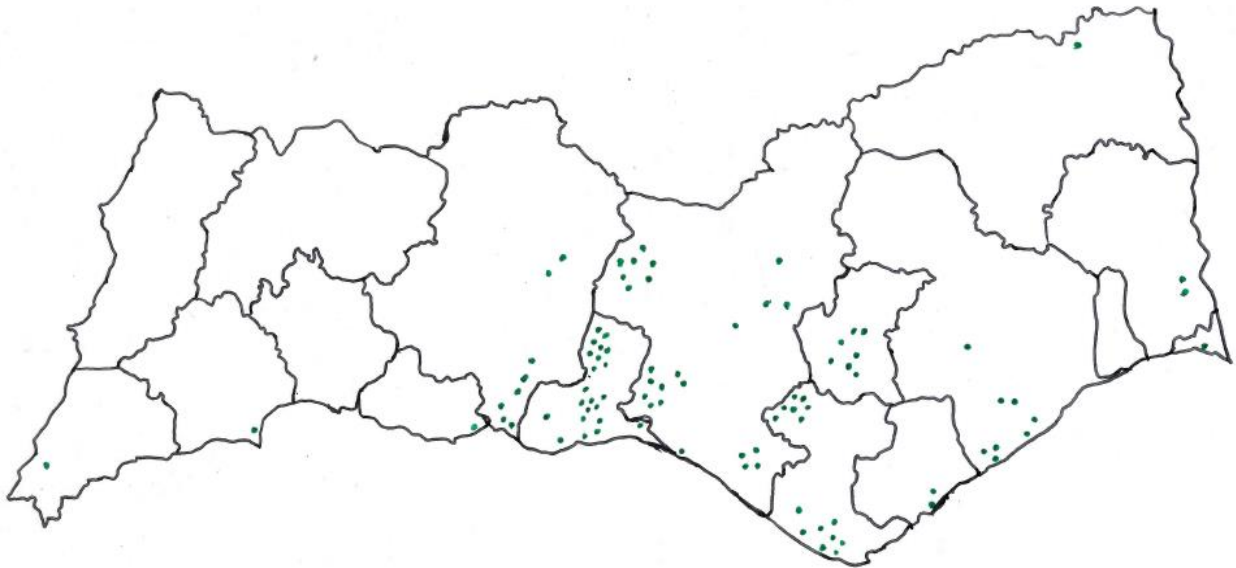
*Figura 49 - Carta de distribuição regional de chaminés de balão.*

Tal como as tipologias com grelha aparente abordadas anteriormente, também a chaminé de balão apresenta uma maior preponderância na região central, com presença ocasional fora desta localização, como por exemplo em Monchique (onde, como veremos adiante, dominam as chaminés de grelha oculta). Tal como acontece com as chaminés de planta retangular, também com as chaminés de balão constatamos um número significativo de exemplares nas fotografias das fontes mencionadas anteriormente, que nos demonstram uma distribuição mais generalizada da chaminé de balão fora do Algarve Central onde ainda hoje esta tipologia é bastante visível. Por exemplo, Artur Pastor regista na década de 60 do século XX chaminés de balão nas vilas piscatórias de Salema ou Santa Luzia, e mostra igualmente a sua presença em contexto urbano em Albufeira, Faro e Alcoutim.



*Figura 50 - Carta de distribuição regional de chaminés de saia.*

Mantendo o enfoque nas chaminés de grelha oculta, na presente investigação não se detetaram casos de presença de chaminés de saia fora do concelho de Monchique. Em contrapartida, a variedade de exemplares registados nesta localidade é muito rica.



*Figura 51 - Carta de distribuição regional de chaminés de molde.*

A última tipologia de chaminé analisada na presente investigação foi a chaminé de molde, a tipologia de chaminé com geografia mais diversificada nos diferentes concelhos do Algarve, tanto no litoral como na serra, tendo sido identificado na presente investigação em todos os concelhos do distrito à exceção de três concelhos no Barlavento, mais concretamente em Portimão, Monchique e Aljezur.

Para além da localização, ao longo do registo das diferentes chaminés decidiu-se também registar a frequência com que as mesmas apresentavam a data de construção, de modo a compilar alguns dados sobre a cronologia do aparecimento e evolução da chaminé no Algarve. Algumas das conclusões obtidas prendem-se com a frequência com que as chaminés são datadas. Por exemplo, nos concelhos de Faro e Lagoa cerca de um quarto das chaminés registadas no trabalho de campo apresentam a datação na estrutura da própria chaminé. Os concelhos com maior número de chaminés datadas (proporcionalmente ao número de chaminés registadas por concelho) são os concelhos de Faro e Lagoa. Ao invés, constataram-se igualmente alguns concelhos com ausência de datações, como nos concelhos de Olhão e São Brás de Alportel. A data mais antiga registada nesta investigação foi o ano de 1793, num exemplar monumental e com decorações em massa colocadas no corpo da chaminé, situado na localidade de Porches. O exemplar seguinte encontrado em termos de antiguidade data de 1827, pode ser encontrado na casa rural dentro do complexo de escavações arqueológicas em Milreu, contudo esta datação não pode ser observada a partir do exterior, mas pode ser comprovada na bibliografia disponível (Lopes, 2002). Em termos de datações visíveis, a

seguinte mais antiga data de 1832, igualmente presente numa chaminé monumental, desta vez trata-se de uma chaminé localizada em Alte, e mais uma vez falamos de um exemplar que apresenta decorações no corpo da chaminé, desta vez decorações executadas em pintura, em contrapartida ao trabalho em massa que encontramos em Porches. Curiosamente, ambas as chaminés apresentam uma abertura em forma de grelha na saia da chaminé.



*Figura 52 e 53 - Chaminés datadas de Porches (1793) e Alte (1832) respetivamente. Fotografias da autora.*

A maioria das chaminés registadas neste estudo centram-se na primeira metade do século XX, com maior presença no primeiro quartel deste século, o que coincide com o auge da produção artesanal deste elemento arquitetónico na região. No que se refere às datações mais recentes registadas, estas remontam aos anos 90 do século XX. Também estas chaminés contemporâneas apresentam formas e apontamentos decorativos semelhantes a exemplares mais antigos, demonstrando a adoção de modelos mais antigos da produção corrente.



*Figura 54 - Chaminé datada de 1915, localizada em Albufeira.  
Fotografia da autora.*

A título de conclusão, no que toca às reflexões do trabalho de campo feito, é importante sublinhar que o registo da distribuição das diferentes tipologias de chaminé realizado no âmbito da presente investigação é preliminar, uma vez que o trabalho de campo elaborado e a bibliografia consultada não permitem considerar todas as sub-regiões e os distintos concelhos da região algarvia do mesmo modo. Em qualquer caso, considerou-se que seria oportuna a inclusão das cartas elaboradas uma vez que permite visualizar e contextualizar os dados recolhidos. O mesmo ocorre com as chaminés datadas encontradas, permitem-nos traçar algumas conclusões preliminares, mesmo não representando a totalidade das datações das chaminés existentes no Algarve.



*Figura 55 e 56 - Chaminé datada de 1995 localizada em Querença (esq.), juntamente com um exemplar semelhante datado de 1923 localizado em Paderne (dir.). Fotografias da autora.*

## Considerações finais

Um dos objetivos centrais deste estudo prendeu-se com a caracterização da chaminé como elemento da arquitetura tradicional algarvia. Procurou-se compreender os elementos que a constituem, a sua construção e desenvolvimento ao longo dos séculos. Como um elemento arquitetónico marginal ganha a sua posição de destaque na região mais meridional de Portugal Continental. Ao longo deste projeto tornou-se clara a importância de considerar o contexto em que a chaminé surge, deixar de a isolar e voltar a incluí-la na casa onde se insere quando consideramos a sua estrutura e funcionalidade. Para além de um elemento arquitetónico trata-se antes de mais de um elemento com importância antropológica, que nos pode dar informações completas e valiosas quanto à vivência quotidiana daqueles que habitam ou habitaram na casa onde esta é incluída. Este importante aspeto torna-se ainda mais evidente quando consideramos que uma chaminé é todo um sistema articulado de diferentes elementos (lareira, apanha-fumos, chaminé e chapéu), cada um destes com uma função específica a desempenhar dentro do lar. Por exemplo, a lareira como local de confeção de alimentos, o apanha-fumos como espaço do fumeiro de enchidos nas chaminés maiores ou o chapéu como elemento embelezador e protetor contra a água das chuvas.

No início desta investigação, já era do nosso conhecimento o estado ameaçado da chaminé tradicional algarvia, principalmente das tipologias mais antigas, pelos mais diversos motivos. Nomeadamente a diminuição da produção artesanal destas, a própria localização das chaminés em locais altos e expostos a diferentes elementos climáticos adversos que podem levar a danos estruturais, e a ausência de medidas de proteção impostas a nível local. Este nível de ameaça da chaminé algarvia tornou-se ainda mais evidente na análise de fotografias do século passado, onde podemos verificar o elevado número de diferentes tipologias de chaminé que hoje em dia surgem apenas de modo esporádico. Constatamos assim uma diminuição da quantidade de chaminés em determinados centros urbanos (como Albufeira ou Carvoeiro) bem como de determinadas tipologias de chaminé (particularmente as chaminés de planta retangular com grelha de ladrilho simples).

Um segundo objetivo para esta investigação, prendeu-se com o registo do processo de elaboração das chaminés tradicionais algarvias. Foi possível averiguar junto de dois oleiros entrevistados que os processos de fabrico em contexto de olaria se iniciam com a forma rude da chaminé (isto é, com a formação da forma básica, formando a planta

desejada) que tem de secar de modo a permitir que o barro seja trabalhado diretamente com recurso a moldes de diferentes materiais para marcar a grelhagem desejada. É importante mencionar o papel que a melhoria da tecnologia usada desempenha no processo, como o recurso mais recente a fornos elétricos na cozedura da chaminé. No que toca a chaminés com grelha oculta, a entrevista feita a um antigo pedreiro permitiu-nos constatar que, na zona de Olhão, a estrutura exterior da chaminé era tradicionalmente feita com recurso a ladrilho, sendo que o interior das saias era construída com pedra caliza. Nas chaminés de grelha oculta, o elemento crucial na construção é o sistema de escoamento de fumos, que se encontra protegido de elementos climáticos adversos com um murete protetor, que ao mesmo tempo pode condicionar o bom funcionamento da chaminé, quando este elemento funcional interior não é construído corretamente. Infelizmente, não nos foi possível identificar na presente investigação um mestre pedreiro capaz de descrever o método de construção convencional das chaminés de grelha aparente, dificuldade agravada pela situação pandémica que coincidiu com o tempo do trabalho de campo e dificultou este ponto da investigação.

O estudo da chaminé tradicional algarvia passa também pela desmistificação da sua origem. Ao longo da presente investigação foi possível averiguar que a chaminé é um elemento arquitetónico com provável proveniência europeia, cuja presença se generaliza um pouco por toda a Europa a partir do século XV, marcando também presença no Algarve durante este período ainda que de modo extremamente pontual e tímido. O estudo da história da chaminé e a pesquisa documental contrariam a ideia da origem das chaminés no Algarve remontarem ao período de domínio Islâmico. Esta asserção deverá ter origem no início do século XX, época na qual as chaminés são frequentemente descritas como tendo ‘arabescos’, expressão esta que pode dar origem a interpretações erróneas da sua influência árabe, conforme pode ser lido na literatura de viagens publicada neste período da autoria de Mário Lyster Franco ou sob a direção de Raúl Brandão. Será igualmente na primeira metade do século XX que maior associação se faz entre o Algarve e as suas características chaminés, em projetos como a Exposição do Mundo Português ou no concurso da aldeia mais portuguesa de Portugal, onde é dada ênfase à representação da chaminé algarvia como integrante da cultura local.

Abordando então mais concretamente as diferentes tipologias de chaminé, temos de salientar em primeiro lugar o traço elaborado da chaminé algarvia como elemento diferenciador para com outras chaminés fora da região. Trata-se de um objeto não apenas funcional, mas também belo, por vezes com segunda função de espelhar o poder de

compra dos proprietários da casa onde esta se inseria. O valor intrínseco da chaminé depende do detalhe exigido da peça. Quanto mais tempo demora o trabalho, maior é o valor e o preço da mesma (daí que a já abordada expressão “quantos dias quer de chaminé” que o mestre colocaria ao proprietário da casa para estabelecer o preço da peça bem como o nível de trabalho exigido na encomenda). Constatámos que o traço pode estar a cargo do mestre ou artesão que faz a chaminé, ou pode provir da originalidade do encomendador. Verificamos também que, em muitos casos, se regista um elevado nível de autonomia da chaminé para com o restante da construção, uma vez que se trata de peças que se destacam da restante construção, seja pelo trabalho detalhado que inclui, seja pela monumentalidade da chaminé em si.

Verificou-se igualmente ao longo da investigação que não existe apenas uma chaminé algarvia. Existem várias tipologias de chaminé que podemos encontrar no Algarve: chaminés de planta retangular de grandes dimensões com grelha de ladrilho simples, chaminé de grelha de ladrilho simples (com qualquer tipo de planta), chaminé de grelha complexa (igualmente com todo o tipo de planta), com grelhas ocultas, feitas com recurso a peças de cerâmica ou de moldes. Com execução em materiais locais como barro, tijolo ou pedra, ladrilho e telha nos apontamentos decorativos, sendo que todos estes materiais poderiam ser rebocados e pintados com cal, juntando pigmentos ou recorrendo a outras tintas.

Aprofundando as diferentes tipologias registadas, podemos descrever as chaminés de planta retangular com grelha de ladrilho simples como a tipologia de chaminé que primeiro se generalizou. Sem adição de elementos decorativos (ou com muito poucos), compreende uma execução mais robusta, por vezes rude, de grande volumetria e grelha despreziosa, simples, feita de ladrilho ao alto. É uma tipologia frequente no século XIX, apesar de surgir posteriormente mesmo após o desenvolvimento de tipologias mais elegantes e modernas de chaminé.

A chaminé com grelha de ladrilho simples surge como uma versão de secção mais delgada da chaminé retangular, apresentando igualmente uma grelha feita de ladrilho disposto na vertical, e recorrendo a diferentes plantas (geralmente de planta inscrita no quadrado). A grelha não apresenta ornamentação, mas esta pode surgir no corpo da chaminé sob a forma de pintura ou trabalhos em argamassa ou apontamentos decorativos no chapéu (como a inclusão de um remate, por exemplo). Esta tipologia de chaminé apresenta menor volumetria e maior verticalidade por comparação à tipologia anterior.

A chaminé com grelha de ladrilho complexa distingue-se das tipologias anteriores pela grande originalidade e complexidade que apresenta em termos decorativos presentes na grelha. Deve ter surgido durante o século XIX, mas apresenta maior desenvolvimento e generalização ao longo da primeira metade do século XX. Pode surgir com grande verticalidade, principalmente em comparação com o pé direito da casa onde se insere. Tal como ocorre com a chaminé com grelha de ladrilho simples, também esta tipologia pode apresentar monumentalidade. Surge frequentemente com uma composição associada a uma base tronco-piramidal, o corpo intermédio com os rendilhados característicos, chapéu e remate tipo pináculo.

Em termos de tipologias de chaminé com grelha oculta, falamos de chaminés quase sempre com pouca decoração, mas de estrutura resistente. No caso da chaminé de balão, a grelha é protegida pelo balão, uma estrutura parietal construída ao redor da grelhagem interior, com o objetivo de proteger a mesma de condições climatéricas adversas. A sua decoração é frequentemente feita com recurso a pinturas ou apontamentos feitos em argamassa no exterior. Poucos exemplares de chaminés de balão são datados, o que pode estar relacionado com o facto de não adquirir a importância de elemento representativo do estatuto do seu proprietário como ocorria com a chaminé rendilhada. É uma tipologia especialmente urbana, por vezes presente em construções em série como ocorre nos bairros de pescadores em Olhão e Fuseta.

Dentro das chaminés de grelha oculta, temos igualmente de abordar as chaminés de saia. De certo modo, constitui uma subcategoria da chaminé de balão, em que o apanha-fumos da chaminé é visível a partir do exterior da casa, secção a que se dá o nome de saia (que por sua vez dá o nome a esta tipologia). Esta funcionava, em muitos casos, como o local onde seria colocado o fumeiro de enchidos no interior. Esta tipologia tanto poderia surgir na cozinha como poderia surgir associada a uma lareira de aquecimento noutra divisão. A estrutura parietal da chaminé de saia costuma ter uma espessura de cerca de 10 cm, e é construída à volta da grelhagem propriamente dita. Tal como ocorre com a chaminé de balão, também no caso da chaminé de saia é frequente surgir decoração sob a forma de pintura ou decorações em argamassa.

A tipologia de chaminé mais recente é a chaminé de molde, associada à década de 40 do século XX, que se desenvolve como consequência de novos gostos e melhoramentos técnicos e tecnológicos da altura. Semelhante às suas antecessoras, a chaminé de molde deve o seu nome aos moldes com que são executados os apontamentos decorativos presentes na grelha. Costuma surgir como a tipologia de chaminé mais esbelta, algo que

apenas é possível graças aos materiais empregues (barro ou até cimento). Um aspeto distintivo desta tipologia de chaminé é o fato de esta poder ser pré-moldada ou pré-fabricada e mais tarde ser colocada no local, ao invés das tipologias mencionadas anteriormente, que seriam construídas na sua localização final. Os motivos decorativos empregues na chaminé de molde são claramente inspirados naqueles que vemos nas chaminés de grelha complexa, embora executados com maior nível de perfeição, o que é possibilitado graças ao recurso aos moldes que lhe dão o seu nome.

A título de conclusão, salientamos o vasto leque de exemplares de chaminés antigas existentes, pelo que o tema da chaminé algarvia não se encerra com esta dissertação, aliás, espera-se que constitua um ponto de partida para novas reflexões e investigações futuras. Talvez dando maior ênfase às chaminés presentes no Barlavento, ou abordando os métodos construtivos antigos em alvenaria ou os modernos executados em recurso a moldes, temas que não puderam ser explorados em profundidade na presente investigação. Ao mesmo tempo, é obrigatório salientar a importância da preservação da chaminé e do seu contexto, seja este uma casa rural ou urbana. Defender e proteger a chaminé algarvia e a casa tradicional é defender e proteger a paisagem cultural algarvia. Trata-se de um elemento arquitetónico característico da região que de momento se encontra ameaçada pela falta de medidas protetoras a nível regional ou até municipal. Mais do que musealizar a chaminé, retirando-a do seu contexto natural imprescindível à sua compreensão e utilidade, devemos caminhar em direção à sua conservação no âmbito de elaboração de projetos de reabilitação da arquitetura tradicional, considerando a importância da salvaguarda do património vernáculo no contexto da paisagem contemporânea. Deste modo, podemos começar o processo de consciencialização do valor deste património local junto da população, este elemento cultural que é de todos e que deve ser preservado para as gerações vindouras. O processo de preservação e consciencialização da chaminé tradicional algarvia deve ocorrer com esforço em várias vertentes, através do estudo da chaminé com recurso à interdisciplinidade, perspetivando a sua preservação com recurso a diferentes campos, sejam eles a história, história da arte, etnologia, antropologia, arquitetura, literatura ou outros.

## Bibliografia

- ADRAGÃO, José Víctor (1985). *Novos guias de Portugal – Algarve*. Editorial Presença: Lisboa. Pp 28 – 33.
- AGAREZ, Ricardo (2016). *Algarve building - Modernism, regionalism and architecture in the south of Portugal, 1925-1965*. Routledge: Nova Iorque.
- Associação dos Arquitetos Portugueses (2004). *Arquitetura popular em Portugal – Volume 2*. Ordem dos Arquitetos: Lisboa. Pp 293 – 358.
- BEIRANTE, Maria Ângela Rocha (1995). *Évora na Idade Média*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Pp 118 – 140, 333 – 345.
- BRANCO, Fernando Correia (2020). *Elvas na Idade Média*. Publicações do Cidehus/Google Books. Pp 268.
- CALDAS, J. V. (2007). *Arquitetura rural do Antigo Regime no Algarve*. Tese de Doutoramento em Arquitetura. Universidade Técnica de Lisboa/Instituto Superior Técnico, Lisboa. Pp 245 – 255, 293 – 313.
- CALDAS, J. V. (2010). *Verdade e ficção acerca da casa rural vernácula do Baixo Algarve*. Em: J. Queiroz e M. Santos (coord.), *Cidade e Mundos Rurais - Tavira e as sociedades agrárias*, Município de Tavira: Lisboa. Pp 48 – 63.
- CALLAPEZ, António Maria (2008). *Um olhar a Sul – A view of the South*. Memo Associação Cultural: Monchique. Pp 146 – 149.
- CAVACO, Hugo (2000). *O Foral novo (de 1504) e o Tombo da Comenda (de 1509) – Subsídios para uma interpretação histórica da Vila*. Câmara Municipal de Castro Marim: Castro Marim.
- CONDE, Manuel Sílvio Alves (1997). *O Médio Tejo nos finais da Idade Média – a terra e as gentes*. Tese de Doutoramento em História. Universidade dos Açores, Ponta Delgada. 2 volumes, pp 412 – 451, 593 – 617.
- CONDE, Manuel Sílvio Alves (1999). *Horizontes do Portugal medieval – estudos históricos*. Patrimonia Historica: Cascais. Pp 257 – 297.
- CONDE, Manuel Sílvio Alves (2011). *Construir, habitar: a casa medieval*. CITCEM: Braga. Pp 95 – 137.

- CORREA, A. B. (2018). Las chimeneas de El Escorial. *P+C. Proyecto Y Ciudad: Revista De Temas De Arquitectura*, **9**: 5-16.
- COSTA, F. Pereira da (s.d.). *Enciclopédia prática da construção civil – fascículo 27: chaminés e aquecimento*. Portugália Editora: Lisboa.
- COSTA, M. R. L. (2008). *Casas e montes da Serra entre as extremas do Alentejo e do Algarve – Forma, processo e escala no estudo da arquitectura vernacular*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Arquitectura do Porto, Porto. Pp 63 – 87, 175 - 223.
- ESSELBORN, Carlos (1928). *Tratado general de construcción – Tomo II: Construcción de edificios*. Ediciones Gili: Buenos Aires. Pp 312 – 315.
- FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana (2005). *Arquitectura no Algarve – dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve: S.L. Pp 7 – 12, 69 – 77.
- FERNANDES, José Manuel (2006). *Arquitectura portuguesa – uma síntese*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda: S.L. Pp 99 – 166.
- FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Ana (2008). *A casa popular do Algarve – Espaço rural e urbano, evolução e atualidade*. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve: S.L.
- FRANCO, Mário Lyster (1932). *Guia-album do Algarve, I – Sotavento*. Americana-Tipografia: Lisboa.
- HENRIQUES, F. (1999). *A chaminé e a platibanda – estudo sobre dois elementos definidores da arquitetura popular do Algarve*. Em: M. Geraldês (coord.), *Programa Nacional de Bolsas de Investigação para Jovens Historiadores e Antropólogos. Vol 2 – Alentejo e Algarve*, Fundação da Juventude: Porto. Pp 199 – 229.
- JORGE, F. e MESTRE, V. (1998). Chaminé ao Sul. *Revista Sul*, **0**: 18 – 22.
- LOPES, Carla (Coord.) (2002). *Roteiros da arqueologia portuguesa, 9 – Milreu, ruínas*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR).
- MESTRE, Coelho (2018). *Catálogo nexense da chaminé*. Junta de Freguesia de Santa Bárbara de Nexe: Santa Bárbara de Nexe.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando (2000). *Arquitetura tradicional portuguesa*. Publicações Dom Quixote: Lisboa. Pp 170 – 177.

PRISTA, Pedro (2014). *Terra, palha, cal – Ensaios de antropologia sobre materiais de construção vernacular em Portugal*. Edições Argumentum: Lisboa. Pp 93 – 125.

PROENÇA, Raúl (coord.) (1927). *Guia de Portugal II – Estremadura, Alentejo e Algarve* [ebook]. Fundação Calouste Gulbenkian, disponível em: <http://ebooks.gulbenkian.pt/book/guia-de-portugal-estremadura-alentejo-e-algarve-vol-ii/P09MOW>

QUINTINO, G. (2005). *Arquitetura vernácula no sudoeste algarvio: uma contribuição para a conservação e sustentabilidade da arquitetura*. Em: M. Costa, S. Martinez e V. Ribeiro, *Arquitetura tradicional no Mediterrâneo ocidental – 1º Congresso internacional*, Edições Argumentum: Lisboa. Pp 78 – 82.

RAPOSO, Isabel (1995). *Alte na roda do tempo*. Alte: Casa do Povo.

RIBEIRO, Orlando (2013). *Geografia e civilização – temas portugueses*. Horizonte: Lisboa. Pp 47 – 211.

RIBEIRO, V.; J. AGUIAR e M. COSTA (2005). *As aldeias da Exposição do Mundo Português (1940): Arquitetura popular e idílio rural no Estado Novo*. Em: M. Costa, S. Martinez e V. Ribeiro, *Arquitetura tradicional no Mediterrâneo ocidental – 1º Congresso internacional*, Edições Argumentum: Lisboa. Pp 137 – 141.

RIBEIRO, Vítor (coord.) (2009). *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional – Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do Caldeirão*. CCDR Algarve: Faro e Edições Argumentum: Porto. Pp 24 – 29, 34 – 35, 94 – 103, 184 – 187.

RUDOFISKY, Bernard (1964) *Architecture without architects*. Nova Iorque: Doubleday & Company Inc. Pp 2.

SANTOS, L. S. e COSTA, M. R. (2020). A chaminé tradicional no Sul de Portugal: contributo para uma história da arquitetura do Algarve. Em: P. André (et. al.), *Laboratório Colaborativo: Dinâmicas Urbanas, Património, Artes - VI Seminário de Investigação, Ensino e Difusão*, Dinâmica CET-IUL: Lisboa. Pp 203 – 222.

SOUSA, S. e RODRIGUES, P. S. (2019). Construir e habitar: espaços domésticos em Évora na passagem do século XV para o século XVI. Em: P. André (et. al.), *Laboratório Colaborativo: Dinâmicas Urbanas, Património, Artes - V Seminário de Investigação, Ensino e Difusão*, Dinâmica CET-IUL: Lisboa. Pp 4 – 16.

SEGURADO, João Emílio dos Santos (s.d.). *Biblioteca de instrução profissional: Alvenaria, cantaria e betão*. Livraria Bertrand: Lisboa. Pp: 213 – 229.

SINTRA, Filomena Pascoal e ESTEVENS, José (coord. geral) (2004). *Património rural construído no Baixo Guadiana*, Editora do Guadiana: S.L.

VASCONCELOS, José Leite (1983). *Etnografia portuguesa, vol VI: Vida tradicional portuguesa (o indivíduo, a família, a sociedade)*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda: S. L. Pp 278 – 299.

## Outras fontes

Arquivo digital de fotografias da autoria de Artur Pastror. Disponível a 21/03/2021, em:  
<https://arturpastor.tumblr.com/>

Associação Almargem (2006). *As saias de Monchique*. Disponível a 12/04/2020, em:  
<http://www.viaalgarviana.org/index.php/the-track/percursos-audio-guiados/>

JORGE, Filipe e MESTRE, Víctor (1986). *Registo documental das chaminés artísticas*.  
Região de Turismo do Algarve: Faro [policopiado].

Menezes, A. (Realizador). (1938). *A aldeia mais portuguesa de Portugal* (Documentário).  
S.L.: SNP – Secretariado Nacional de Propaganda. Disponível a 21/03/2021, em:  
<https://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=2233&type=Video>

# Anexos